

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA



Leila Silva de Moura

Juventude e Trabalho:
O sentido do trabalho para o(a) jovem aprendiz

Goiânia
2009



**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA
DISPONIBILIZAR AS TESES E
DISSERTAÇÕES ELETRÔNICAS (TEDE) NA BIBLIOTECA
DIGITAL DA UFG**



Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

1. Identificação do material bibliográfico: Dissertação Tese

2. Identificação da Tese ou Dissertação

Autor (a):	Leila Silva de Moura				
E-mail:	ls_moura@yahoo.com.br				
Seu e-mail pode ser disponibilizado na página?		<input checked="" type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não		
Vínculo empregatício do autor					
Agência de fomento:				Sigla:	
País:	Brasil	UF:	GO	CNPJ:	
Título:	Juventude e Trabalho: O sentido do trabalho para o(a) jovem aprendiz				
Palavras-chave:	Juventude, Trabalho, Jovem Aprendiz.				
Título em outra língua:	Youth and Work: The meaning of work for (a) young apprentice				
Palavras-chave em outra língua:	Youth Work, Young Apprentice..				
Área de concentração:	Sociologia do Trabalho.				
Data defesa: (11/09/2010)					
Programa de Pós-Graduação:	Programa de Pós-Graduação em Sociologia				
Orientador (a):	Revalino Antonio de Freitas				
E-mail:	freitas@cienciassociais.ufg.br				
Co-orientador (a):					
E-mail:					

3. Informações de acesso ao documento:

Liberação para disponibilização?¹ total parcial

Em caso de disponibilização parcial, assinale as permissões:

Capítulos. Especifique: _____

Outras restrições: _____

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF ou DOC da tese ou dissertação.

O Sistema da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações garante aos autores, que os arquivos contendo eletronicamente as teses e ou dissertações, antes de sua disponibilização, receberão procedimentos de segurança, criptografia (para não permitir cópia e extração de conteúdo, permitindo apenas impressão fraca) usando o padrão do Acrobat.

Data: ____ / ____ / ____

Assinatura do (a) autor (a)

¹ Em caso de restrição, esta poderá ser mantida por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Todo resumo e metadados ficarão sempre disponibilizados.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
SOCIOLOGIA



Juventude e Trabalho:

O sentido do trabalho para o(a) jovem aprendiz.

Projeto de pesquisa apresentado ao
Programa de Pós-Graduação em Sociologia
da Universidade Federal de Goiás orientado
pelo prof. Dr. Revalino Antonio de Freitas
Mestrando: Leila Silva de Moura

Goiânia

2009

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
GPT/BC/UFG**

M929j Moura, Leila Silva de.
Juventude e trabalho [manuscrito] : o sentido do trabalho para o(a) jovem aprendiz / Leila Silva de Moura. - 2009.
107 f. : il., figs., tabs.

Orientador: Prof. Dr. Revalino Antonio de Freitas.
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás,
Faculdade de Ciências Sociais, 2009.

Bibliografia.

Inclui lista de figuras, abreviaturas, siglas e tabelas.

1. Juventude – Emprego – Goiânia (GO). 2. Jovem aprendiz – Goiânia (GO). I. Título.

CDU: 331-053.6(817.3)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
SOCIOLOGIA



Juventude e Trabalho:

O sentido do trabalho para o (a) jovem aprendiz.

Dissertação defendida no Curso de Mestrado em Sociologia da Universidade Federal de Goiás, Para a obtenção do título de Mestre, aprovada em 11 / 09 / 2009, pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof. Dr. Revalino Antonio de Freitas - UFG
Presidente da Banca

Prof. Dr. Dijaci David de Oliveira - UFG
Membro

Prof. Dr. Eguimar Felício Chaveiro - UFG
Membro

Prof. Dr. Ricardo Barbosa de Lima - UFG
Suplente

DEDICATÓRIA;

À minha mãe, Augusta, ao meu pai, José Domingos. Aos irmãos, Lorena, Lara, Lucas, Leandro, Mário e sobrinhos Larissa, Versílio, Luana, Sara e Matheus. E, em especial, dedico este trabalho ao meu esposo, Hamilton.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha querida mãe, Augusta Ramos da Silva, pelo carinho e dedicação incondicional aos filhos, por ela educados sobre os pilares da ética e dos valores humanos.

Também agradeço ao meu pai, José Domingos de Moura, pela importante transmissão do conhecimento científico e cultural, por meio dos livros: bases da minha formação social e intelectual.

Aos queridos irmãos, Lorena, Lara, Lucas, Leandro, Mário e sobrinhos Larissa e Matheus, que sempre me apoiaram em minha trajetória acadêmica. Às amigas Abigail, Ana, Juditi, Raquel e todos os amigos que, sempre, acreditaram e incentivaram meus projetos de vida.

E, em especial, dedico este trabalho ao meu esposo, Hamilton, que, com carinho, esteve sempre ao meu lado nos momentos mais difíceis. Muito obrigada a vocês.

Também quero agradecer aos professores, funcionários e jovens aprendizes da Fundação Pró-Cerrado que contribuíram para o desenvolvimento desta Dissertação.

Ao meu orientador Revalino Antonio de Freitas pela paciência e dedicação no processo de orientação deste trabalho. Ao amigo Marcos Reis pelas importantes contribuições técnicas, durante uma difícil fase do trabalho. À amiga Alexssandra Terribelle que fez parte de toda a minha vida acadêmica, como uma dedicada companheira.

A todos os professores do Ensino Básico e Superior que contribuíram com minha formação como cidadã e como cientista social. Agradeço também aos meus professores do curso de Pós – Graduação da Universidade Federal de Goiás, em especial aos professores Jordão Horta Nunes e Joel Orlando Marin pelo carinho e incentivo nos momentos mais difíceis desta caminhada.

Muito obrigada

Leila Silva de Moura

RESUMO

Este trabalho de dissertação analisa, sociologicamente, o sentido do trabalho para o (a) jovem aprendiz, em Goiânia. O objetivo foi compreender os diferentes significados que o trabalho pode representar para esse (a) jovem. E conhecer a realidade social que envolve sua vida e seu cotidiano: o mundo do trabalho, da escola, da família, a socialização, sonhos e obrigações. Como também a representação que este (a) e a sociedade brasileira faz do trabalho. A pesquisa revelou que o trabalho para a maioria dos jovens representa uma transformação em suas vidas, pois por meio dele consome, contribui com a renda familiar e passa a se sentir valorizada perante a família e a sociedade. Apesar de se sentir prejudicado (a) em relação ao pouco tempo que lhe resta para os estudos e lazer o (a) jovem se diz satisfeito (a) em trabalhar como aprendiz.

Palavras-Chave: Juventude, Trabalho, Jovem Aprendiz.

ABSTRACT

This dissertation examines sociologically, the meaning of work for (a) young apprentice, in Goiania. The objective was to understand the different meanings that can represent the work for this (a) young. And know the social reality that surrounds his life and everyday life: the world of work, school, family, socialization, dreams and obligations. But also that this representation (a) and Brazilian society does work. The research revealed that work for the majority of young people represents a transformation in their lives, because through it consumes, contributes to family income and starts to feel valued within the family and society. Despite feeling hurt (a) in relation to the little time you have left for the studies and leisure (a) satisfied young man is said to work as apprentice.

Keywords: Youth, Work, Young Apprentice.

SUMÁRIO DE GRÁFICOS

Gráficos 1: idade do entrevistado	50
Gráficos 2: sexo do entrevistado	51
Gráficos 3: Como o trabalho é considerado	53
Gráficos 4: idade em que começou a trabalhar.....	54
Gráficos 5: principal motivo para trabalhar.....	57
Gráficos 6: renda familiar estratificada	58
Gráficos 7: Relação da renda familiar com a forma como se dão as relações familiares.....	59
Gráficos 8: Relação Renda familiar com motivação para os estudos.....	60
Gráficos 9: renda familiar por motivo do trabalho	61
Gráficos 10: causas de reprovação por cor/etnia	63
Gráficos 11: sexo por cor/etnia.....	64
Gráficos 12: motivo para trabalhar por reprovações na escola	65
Gráficos 13: representação do trabalho por reprovação na escola	66
Gráficos 14: reprovação na escola por sexo do entrevistado.....	68
Gráficos 15: cor/etnia por causas da reprovação	69
Gráficos 16: representações do trabalho por renda familiar estratificada	70
Gráficos 17: representação do trabalho por motivos para estudar.....	71
Gráficos 18: tipos de lazer por sexo	73
Gráficos 19: atividades domésticas por sexo.....	75
Gráficos 20: situação de moradia por sexo.....	76

Sumário

APRESENTAÇÃO.....	13
1- JUVENTUDE E TRABALHO SOB UMA PERSPECTIVA TEÓRICA	19
1.1- Abordagem teórica do conceito de juventude	19
1.2 - Juventude e trabalho no Brasil	24
CAPITULO 02 – TRABALHO: SENTIDO E REPRESENTAÇÃO	35
2.1 As representações sociais e a necessidade do trabalho.....	35
CAPITULO 03 – O JOVEM APRENDIZ COMO OBJETO DE INVESTIGAÇÃO: REALIDADE, REPRESENTAÇÕES E PERCEPÇÕES DOS JOVENS APRENDIZES.	45
3.01 – O jovem aprendiz e a intervenção do programa Jovem Cidadão	45
3.02 – A totalidade e as particularidades do objeto estudado.....	47
3.03 – Realização da pesquisa de campo.....	48
3.04 – Perfil do jovem aprendiz da FPC.....	50
3.04.01 – O Trabalho precoce	51
3.04.02 – Motivações para o trabalho.....	55
3.04.03 – Renda familiar	57
3.04.05 – O jovem e a família	59
3.04.06 – Renda e perspectivas	60
3.04.07 – A raça e cor dos jovens aprendizes.....	61
3.04.08 – Escolaridade e Reprovação.....	64
3.04.09 – O trabalho: pela experiência e necessidade	69
3.04.10 – O lazer no tempo livre	72
3.04.11 – Escolhas profissionais ou ocupacionais.....	73
3.04.12 – Relações de gênero	74
3.04.13 – Moradia.....	76
CAPITULO 04 – O TRABALHO E O TEMPO COMO SENTIDOS DE VIDA	78
4.01 - A relação entre juventude, trabalho e o tempo.....	78
CONSIDERAÇÕES FINAIS	100
REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO	103

APRESENTAÇÃO

Os recentes estudos e dados estatísticos sobre o trabalho relacionado à juventude contribuem para uma maior compreensão sobre o evidente interesse dos jovens pelo mundo do trabalho. O trabalho está entre os principais assuntos que mais mobilizam o interesse dos jovens, no Brasil. Para eles o trabalho é considerado um direito, o mais importante entre os da cidadania.

Para Guimarães (2005), o trabalho é dotado de sentido para os jovens e se torna preocupação recorrente na vida deles. Esse sentido perpassa situações que vão do consumo ao reconhecimento social, da necessidade ao tempo ocupado. É importante ser um jovem ocupado socialmente e que trabalha contribuindo com a renda familiar. Com isso, outros temas juvenis, outrora importantes, perdem a centralidade para dar lugar à preocupação com o mundo do trabalho.

Apesar de ainda convivermos com a exploração do trabalho infanto-juvenil em nossa sociedade, a legislação brasileira proíbe qualquer tipo de trabalho para menores de 14 anos. O trabalho a partir dos 14 anos é permitido apenas na condição de aprendiz, em atividades relacionadas à qualificação profissional. E acima dos 16 anos o trabalho é autorizado desde que não seja no período noturno, em condição de perigo ou insalubridade e desde que não atrapalhe a jornada escolar. No entanto, se o jovem com mais de 16 anos estiver trabalhando sem possuir a carteira assinada ou estiver em situação precária, ele entra nas estatísticas do trabalho juvenil ilegal.

Segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD), referentes a 2007, o Brasil possuía nesse ano um total de 50,2 milhões de

jovens², 26,4% de toda a população era constituída por jovens, enquanto que 14 milhões deles viviam com renda familiar per capita de até meio salário mínimo. Entre estes, 4,6 milhões estavam procurando um emprego. Dos sete milhões de jovens brasileiros com idade entre 14 e 24 anos, apenas 18% estava trabalhando na condição de aprendiz.

Grande parte dos jovens exercia atividades agrícolas e destes 40% deles em atividades sem remuneração, sendo que 34,5% deles trabalhavam de 15 a 24 horas na semana. A maioria era de jovens negros ou pardos (60,9%), do sexo masculino (67,7%) e que vinham de famílias que ganhavam em média cerca de R\$ 275 per capita por mês. Quase 90% dos jovens de 16 e 17 anos que estavam trabalhando como trabalhadores domésticos não tinham carteira de trabalho assinada, sendo que 46,6% deles cumpriam jornada de 40 horas semanais ou mais. Apenas 12,6% desses jovens possuíam carteira de trabalho assinada.

Para combater a exploração do trabalho infanto-juvenil, diferentes propostas de políticas públicas surgiram nas últimas décadas. A lei do Aprendiz³ é um exemplo de política pública para a juventude em que procura

1- O IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) considera como jovem a parcela da população situada na faixa etária entre 15 a 29 anos de idade. Divididos em três grupos:

- de 15 a 17 anos (jovem adolescente);
- de 18 a 24 anos (jovem-jovem);
- de 25 a 29 anos (jovem-adulto).

Essa é uma recomendação do Estatuto da Juventude, em discussão na Câmara dos Deputados, como uma tendência geral dos países que buscam instituir políticas públicas para a juventude.

³ Segundo o Manual do aprendiz (2009), os jovens brasileiros tem hoje mais possibilidades de ingressar no mundo do trabalho, na condição de aprendizes. A Lei do Aprendiz nº. 10.097/2000, aprovada e regulamentada em 01 de dezembro de 2005 pelo decreto nº 5.598 determina que toda empresa de grande e médio porte deve contratar de 5% a 15% de aprendizes. Segundo essa lei, os aprendizes são considerados os jovens de 14 a 24 anos que devem continuar na escola e em um curso de formação profissional para serem contratados como aprendizes. Essa lei obedece disposições da Constituição Federal Brasileira, do Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA e altera a Consolidação das Leis Trabalhistas - CLT, de 1943, dando nova regulamentação à aprendizagem. Os cursos de formação profissional podem ser realizados por Escolas Técnicas e Agrotécnicas da Rede Federal de Educação Profissional, Entidades sem Fins Lucrativos e os Serviços Nacionais de Aprendizagem: Industrial - SENAI, Serviço Social da Indústria - Sesi, Serviço Nacional de Aprendizagem do Comércio - SENAC, Serviço Social do Comércio - SESC, Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas - SEBRAE, Fundo Aeroviário - Fundo Vinculado ao Ministério da Aeronáutica, Serviço Nacional de Aprendizagem Rural - SENAR, Serviço Social de Transporte - SEST, Serviço Nacional de Aprendizagem do

atender uma necessidade social ao mesmo tempo em que determina o respeito ao horário e o desenvolvimento escolar dos jovens aprendizes.

O objeto de estudo dessa dissertação é a inserção de jovens no mundo do trabalho, na condição de aprendiz. O objetivo foi conhecer as motivações que orientaram essa inserção no mundo do trabalho e compreender os diferentes significados do trabalho aprendizagem em suas vidas. Quais são as motivações subjetivas e a realidade que envolve os jovens na busca por uma vaga no mundo do trabalho? A relação entre os jovens e o mundo do trabalho é, portanto, a centralidade neste estudo. Por meio dos aspectos culturais, econômicos e sociais que envolvem a relação juventude e trabalho foi desenvolvida uma pesquisa buscando compreender os sentidos subjetivos e objetivos que levam os jovens a se interessar pelo trabalho.

Os conceitos de juventude e trabalho foram abordados por meio de referências teóricas desenvolvidas a partir da realidade brasileira permitindo, assim relacionar outros importantes elementos sociais ao tema proposto, como a educação, a família, a desigualdade, o preconceito e a exploração do trabalho.

Os estudos sociológicos sobre juventude, geralmente, são desenvolvidos relacionando esse conceito com a história e a realidade social a que ela faz parte, ou seja, a juventude vista como um elemento histórico e socialmente construído. A ideia de juventude foi construída e reconstruída de acordo com as transformações culturais e sociais. De tempos em tempos seu

significado se transforma dando lugar às exigências das mudanças sociais criadas e recriadas por meio do tempo. Mas é inegável para grande parte dos estudiosos que ela, hoje, é considerada uma fase de desenvolvimento social entre a infância e a fase adulta. “A faixa etária juvenil, assim como os demais grupos de idade são, portanto, uma criação sociocultural” (GROPPO, 2000, p.20)

Por que muitos jovens ingressam no mundo do trabalho sacrificando o tempo antes destinado aos amigos, à prática esportiva, ao descanso e aos estudos? O tempo é aqui considerado um importante elemento no estudo sobre juventude, pois os jovens por meio do tempo vão descobrindo o mundo e construindo sua identidade social. Procurando compreender qual é a relação estabelecida entre o jovem que trabalha e o tempo social, este estudo propõe investigar um possível conflito entre variáveis do trabalho e do tempo na vida do jovem trabalhador.

A desigualdade socioeconômica, bem como o aumento da violência envolvendo os jovens brasileiros são comumente as principais razões para que as famílias incentivem o ingresso de seus jovens ao mundo do trabalho. A maioria dos jovens brasileiros exerce uma atividade remunerada para contribuir com a renda familiar e cobrir gastos pessoais impossíveis de serem arcados pela família. Os jovens, principalmente, do sexo masculino, são pressionados pela família e sociedade a ocuparem o tempo livre com o trabalho para que não se envolvam em drogas e criminalidade.

Pelo restrito ou nenhum acesso a diferentes atividades culturais, artísticas e esportivas as famílias de baixa renda percebem que a escola e o trabalho são os únicos meios para ocupar o tempo dos jovens em estado de

vulnerabilidade social. Historicamente, a discriminação que envolve jovens pobres com a criminalidade, possibilitou a inserção cada vez mais precoce de jovens no mundo do trabalho. “O século XX caracterizava o jovem pobre como perigoso e mesmo como inumano” (COIMBRA; NASCIMENTO, 2003, p. 19)

Muitos aprendizes ingressaram em programas de aprendizagem profissional para obter experiência e contribuir com a renda familiar. No entanto, a maioria dos jovens pesquisados declarou trabalhar somente para cobrir gastos pessoais, que notadamente, a família não consegue arcar. Outro elemento importante para a compreensão desse tema é o interesse desses jovens na obtenção de experiência. Neste trabalho privilegiou-se a representação que ele mesmo, o jovem, faz do trabalho, da vida, da escolaridade, da qualificação e do futuro.

No primeiro capítulo desta dissertação foram apresentadas as discussões teóricas sobre o tema da Juventude e o Trabalho. Entre outras interessantes contribuições teóricas sobre esse tema, Abramo (2005), apresenta, de forma brilhante, o conceito de juventudes, no plural, para representar a juventude brasileira. Mesmo morando em um mesmo país, cidade ou até mesmo bairro os jovens vivem de forma desigual, em diferentes realidades sociais, culturais e econômicas.

No segundo capítulo foram abordadas as representações sociais do trabalho aliadas à necessidade de sobrevivência e consumo. Permeada pelos tradicionais valores morais sobre o trabalho. A sociedade brasileira atribui valores sociais produzidos e reproduzidos socialmente que legitima o trabalho precoce como forma de educação para a responsabilidade e honestidade. No entanto, por trás das motivações morais estão as necessidades econômicas e

sociais advindas da desigualdade em nossa sociedade que explicam, de forma mais convincente, a inserção precoce ao mundo do trabalho.

No terceiro capítulo foram desenvolvidas, com base nas referências teóricas, as análises sobre os resultados da pesquisa empírica. Ao investigar esses jovens aprendizes sobre a referência da pluralidade juvenil destacada por Abramo (2005), foi constatado que as condições de vida e os sonhos se diferenciam em cada pesquisado. Mas, de forma unânime, declararam que o trabalho-aprendizagem é muito importante e representa um meio obter um melhor emprego e o respeito da família e sociedade. Esses jovens demonstram que o trabalho-aprendizagem produz sentido, orientação para suas vidas, proporcionando a sensação de independência e autonomia. Segundo a maioria dos jovens pesquisados, o trabalho contribui para a obtenção de experiência para futuros postos de trabalho e, sobretudo satisfaz as necessidades de sobrevivência e de consumo.

A pesquisa de campo foi realizada na cidade de Goiânia, por meio de entrevistas e aplicação de questionários. Foram aplicados 159 questionários, sendo 22 utilizados como pré-teste e 10 entrevistas. Os sujeitos pesquisados têm entre 14 a 17 anos de idade e fazem parte do programa de aprendizagem profissional Jovem Cidadão desenvolvida pela Fundação Pró-Cerrado (FPC). Essa instituição é uma organização sem fins lucrativos e foi escolhida como campo de pesquisa por apresentar em sua instituição o maior número de aprendizes no Estado de Goiás.

1- JUVENTUDE E TRABALHO SOB UMA PERSPECTIVA TEÓRICA

1.1- Abordagem teórica do conceito de juventude

Nas Ciências Sociais não existe uma definição unânime do conceito de juventude. Na concepção de Groppo (2000), a dificuldade da sociologia em conceituar a juventude é curiosa: não consegue definir o objeto social que ela mesma própria ajudou a criar. Os estudos sobre juventude nas ciências sociais, particularmente na sociologia, não devem se pautar somente nos conceitos da fisiologia ou da psicologia, pois as manifestações socioculturais que envolvem a juventude em sociedade perderiam a centralidade necessária à investigação numa perspectiva sociológica.

As ciências médicas criaram a concepção de puberdade, referente a fase de transformações no corpo do indivíduo que era uma criança e que está se tornando maduro. A psicologia, a psicanálise e a pedagogia criaram a concepção de adolescência, relativas às mudanças na personalidade, na mente ou no comportamento do indivíduo que se torna adulto. A sociologia costuma trabalhar com a concepção de juventude quando trata do período entre as funções sociais da infância e funções sociais do homem adulto. (GROPPO, 2000, p.13-14).

De acordo com Pochmann (2004), geralmente são utilizados dois enfoques para tratar da juventude, o enfoque *biopsicológico*, que busca retratar o ser jovem vinculado à temática da transitoriedade física e emocional presentes na fase da adolescência para a fase adulta. É e o enfoque *sociocultural* que trata o ser jovem como portador de um vocabulário próprio, acompanhado de gostos específicos no vestir, no relacionamento em grupo, namoro, dança, música e socialização. Tendo-os sempre como fenômenos em modificação. “O componente etário que marca a juventude está condicionada a situações biopsicológicas e socioculturais temporárias e provisórias de identificação, com legitimação e representação próprias” (POCHMANN, 2004, P. 220)

A juventude é, aqui, entendida como uma representação sociocultural construída socialmente, sendo impossível estudá-la por ela mesma, pois a juventude existe somente relacionada com os diferentes e diversos fenômenos e instituições sociais, em sociedade. Os recentes estudos sobre a juventude nas ciências sociais têm demonstrado interessantes resultados sobre essa temática, pois buscam desenvolver uma relação entre juventude e realidade social, mantendo o cuidado de interpretar a realidade juvenil não somente pelo olhar externo, mas por meio da representação social que o próprio jovem tem de si e do mundo em que vive.

Grande parte dos estudos sobre juventude tem relacionado o jovem com as diferentes instituições sociais que permeiam o seu dia-a-dia, como a escola, a família, a mídia, a política, a igreja, bem como as representações sociais desses jovens sobre religiosidade, trabalho, violência e sociedade. Por meio da própria juventude podemos compreender algumas transformações sociais e

culturais em nossa sociedade, pois na expressão da juventude é possível apreender com mais clareza o desenvolvimento da educação, da desigualdade social, da sexualidade e outros elementos culturais importantes nos estudos sociais. De todas as categorias sociais a juventude é que proporciona uma maior visibilidade das mudanças sociais. “Não há novidade em observar e analisar a juventude. Há novidade, porém, nos olhares que se lançam sobre a juventude”. (LULIANELLI, 2003, p. 54).

Por apresentar uma relação com uma complexa rede de elementos sociais e culturais envolvendo diferentes realidades, a juventude pode ser considerada uma construção social definida historicamente, por isso não é objeto de fácil compreensão e definição.

A construção de um conceito de juventude que independe das relações sociais, históricas e culturais, impossibilita o desenvolvimento de um retrato mais próximo da realidade da juventude brasileira. No entanto, é possível compreender e desenvolver esse conceito por meio do estudo das juventudes, ampliando as possibilidades de se conhecer o jovem na diversidade, ou seja, em meio a sua condição econômica, social e cultural, de acordo com sua região, escolaridade, renda familiar, trabalho, necessidades, dentre outros fatores.

As más condições de vida de muitos jovens brasileiros podem contribuir com uma trajetória de vida desfavorável e indesejada pelos mesmos. Os sonhos e esperanças se esvaecem no tempo dedicado ao trabalho ou à criminalidade. De acordo com Abramo (2005), é mais pertinente trabalharmos com o conceito de juventudes, no plural, para não deixarmos de lado os

aspectos que envolvem as diferenças e as desigualdades e que caracterizam e definem as condições de vida e futuro dos jovens no Brasil.

Essa juventude brasileira deve ser analisada por meio da diversidade, da aculturação, dos regionalismos, das raças, das cores e esperanças que permeiam cada canto desse país. Não existe, portanto, um padrão ou um único retrato do jovem brasileiro. Segundo Novais (2002), há diferenças entre os jovens brasileiros por pertencerem a diferentes costumes, espaços e classes sociais.

A categoria caracterizada como juventude e determinada por faixa etária é, sem dúvidas, uma importante definição social. A faixa etária juvenil, assim como os demais grupos de idade são uma criação sociocultural representando, ao longo das últimas décadas, as transformações ocorridas nas relações sociais por meio dos processos de modernização e de novas configurações das sociedades contemporâneas. A juventude surge como uma das novas configurações sociais, como as relações de gênero e relações étnico-raciais. “As faixas etárias e as categorias sociais delas oriundas são criações sócio culturais”. (GROPPO, 2000, 20)

A ideia de juventude pode variar ou até mesmo nem existir dependendo de cada sociedade ou cultura. Aqui é representada como uma noção de transição social entre a infância e a fase adulta. “Em muitas das línguas indígenas não existe uma palavra que designe, especificamente, a etapa juvenil, nem instituições e ritos especiais para esse grupo de idade” (BAVA; PÀMPOLS; CANGAS, 2004, p.275)

O avanço industrial, tecnológico e pós-moderno são fundamentais no estudo da construção da ideia de infância e juventude. Por meio das

transformações sociais e do desenvolvimento do capitalismo nos séculos XIX e XX a emergência de mão de obra barata nas fábricas intensificou a presença de famílias inteiras nas atividades industriais, predominantemente, as mulheres e as crianças. Nesse sentido, as crianças ao longo dos anos, devido às reivindicações sociais para as melhorias no trabalho, são reconhecidas como diferentes dos adultos, merecedoras dos cuidados e atenção social.

Em seguida, com a chamada modernidade ou pós-modernidade, com desenvolvimento de novas técnicas de aumento da produtividade na produção capitalista fez-se necessário a criação de centros educacionais profissionalizantes para pessoas em idade escolar. Com a intensificação desses preparatórios e de diferentes fenômenos sociais que caracterizavam essa faixa etária juvenil os jovens passam a ser reconhecidos como diferentes das crianças e dos adultos, conquistando, assim os diferentes direitos sociais. Nesse sentido, o reconhecimento da juventude se deve, principalmente, pelo mundo do trabalho industrial.

Para Groppo (2000), a juventude na sociedade capitalista industrial pode ser concebida como período de vigilância, disciplinarização e socialização do indivíduo entre sua infância e idade adulta. E, ao mesmo tempo, pode-se conceber a juventude também como um direito humano instituído pela modernidade. Segundo este autor, a juventude é construída por meio de instituições preocupadas com a proteção dos indivíduos. E, por outro lado, para garantir a preparação da mão - de - obra de um crescente grupo social.

Apesar das diferentes visões sobre o conceito de juventude é inegável que essa fase se caracteriza pela busca de independência e autonomia. Segundo a Constituição Brasileira (1988), os jovens são dotados de direitos

constituídos ao longo dos últimos anos: direito à educação, saúde, lazer e profissionalização. Nesse sentido, a cidadania não pode ser confundida com o direito de ser consumidor ou mesmo produtor e sim com o direito à crítica, à educação, lazer, cultura e participação social e política, o que caracteriza a cidadania democrática. “A cidadania democrática pressupõe a igualdade perante a lei, a igualdade da participação política e a igualdade de condições socioeconômicas básicas – o que garante a vida com dignidade”. (BENEVIDES, 2004, p. 50)

Na realidade todos esses direitos nunca se efetivaram, plenamente, no Brasil, pelo contrário, o Estado, geralmente, se omite de sua obrigação com a sociedade, que paga caro, para viver ou sobreviver neste país.

O direito de buscar reinvenções identitárias por meio da cultura, leitura, educação e recreação fazem parte do desenvolvimento saudável de uma pessoa em formação social, mas esses são os itens que mais têm crescido no índice de preços, se adequando à lógica do mercado e se tornando cada vez mais inacessível à maioria dos jovens brasileiros.

1.2 - Juventude e trabalho no Brasil

O trabalho infantil tem sido combatido pela Organização Internacional do Trabalho (OIT)⁴ desde a década de 70, através das Convenções nº 138, de

⁴. A convenção n.º 138, com apenas 18 artigos, dotada pela conferência geral da OIT na sua 58.ª sessão, em 26 de junho de 1973, entrou em vigor no plano internacional em 19 de junho de 1976. A convenção relata a idade mínima para o trabalho e a abolição efetiva do trabalho das crianças. Ela proíbe o trabalho das crianças e obriga a fixar uma idade mínima de emprego correspondente ao fim da escolaridade obrigatória que deverá ser de 15 anos, pelo menos. Algumas exceções são autorizadas, nomeadamente para os países em desenvolvimento, onde essa idade mínima pode ser de 14 anos. Entretanto, a idade mínima não deverá ser inferior a dezoito anos para os tipos de empregos que são suscetíveis de comprometer a saúde, a

1973, e 182, de 1999. A primeira tratou da idade mínima de admissão ao emprego e a segunda sobre a proibição e ação imediata para a eliminação das piores formas de trabalho infantil. Contribuíram decisivamente para o surgimento de diferentes ações e legislações de combate ao trabalho infanto-juvenil, no Brasil. A Constituição brasileira de 1988 e o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) de 1990, proibiram qualquer trabalho envolvendo crianças de até 14 anos de idade. Os jovens maiores de 14 anos e menores de 16 anos somente podem exercer atividade remunerada na condição de aprendiz. Surgem, por conseguinte, políticas públicas importantes como o Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI), Bolsa-Escola e Pró-Jovem.

A preocupação e ações de diferentes entidades e movimentos sociais com a erradicação do trabalho infantil e o fim da exploração e precarização do trabalho juvenil contribuiu, de forma significativa, para o desenvolvimento de políticas públicas voltadas para a qualificação profissional de jovens, em situação de vulnerabilidade social e sua inserção no mundo do trabalho, como aprendizes. “Os programas de erradicação do trabalho infantil deveriam estar vinculados às iniciativas sistemáticas orientadas para a aprendizagem

segurança ou a moralidade. Cabe ressaltar que a Convenção n.º138 foi reforçada, em 1999, pela Conferência Internacional do Trabalho com novos instrumentos, nomeadamente a Convenção n.º182 e a Recomendação n.º190 que tratam das piores formas de trabalho das crianças e da ação imediata para a sua erradicação. As piores formas de trabalho das crianças compreendem, nesse ensejo: o trabalho em servidão; a escravidão; a exploração sexual para fins comerciais e outras formas “veladas” de trabalho e todos os trabalhos perigosos. A convenção n.º 138 da OIT foi ratificada pelo Brasil em 28 de junho de 2001. A convenção fundamental n.º 182 da OIT foi adotada pela conferência geral da organização internacional do trabalho na sua 87.ª sessão, em 17 de junho de 1999, e entrou em vigor na ordem internacional, em 19 de novembro de 2000. A convenção dispõe sobre as piores formas de trabalho das crianças, defendendo a adoção de medidas imediatas e eficazes que garantam a proibição e a eliminação das piores formas de discriminação.

profissional, visando a uma integração mais qualificada das novas gerações” (MARIN, 2006, P. 108)

Segundo o Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), mesmo com a criação e regulamentação da Lei do Aprendiz apenas 140.181 jovens foram contratados como aprendizes, em todo o Brasil, contrariando as expectativas de 2 milhões contratados. Espírito Santo, Amazonas e Goiás são os Estados com maior índice de contratação de aprendizes. Em Goiás mais de 25.000 jovens já foram beneficiados com a nova legislação.

O trabalho precoce é condenado por muitos movimentos sociais e cientistas sociais que percebem ser este um problema social passível de uma solução política. O mundo do trabalho deveria acompanhar os avanços econômicos e tecnológicos no que se refere a uma melhor distribuição de renda na sociedade, permitindo aos nossos jovens à dedicação exclusiva a escolarização e ao desenvolvimento saudável frente à fase adulta. Mas a realidade social caracterizada pela desigualdade, indiscutivelmente, nos leva, de uma forma ou de outra, a aceitar o quanto antes, a inserção dos jovens pobres no mundo do trabalho como uma única escolha frente à marginalidade, criminalidade e a miséria.

A democratização do avanço científico e tecnológico mediante a socialização da produção e da riqueza e, por consequência, a regulação do capital poderiam permitir redução da jornada de trabalho, a erradicação do trabalho precoce de crianças e jovens e a geração de empregos em setores e atividades que talvez saudassem a dívida dos direitos de saúde, educação, transporte, moradia, cultura e lazer com milhões de brasileiros. (FRIGOTTO, 2004, p.204)

Em 2000, foi criada a Lei do Aprendiz e, em 2005, a mesma foi regulamentada, definindo a faixa etária, condições de trabalho e os direitos de

um jovem aprendiz. Todos esses mecanismos legais que definem o trabalho que envolve crianças e jovens podem contribuir para mudanças na cultura e comportamento social sobre esse o trabalho precoce. Com exceção das atividades realizadas com membros da família, em um processo de transferência do conhecimento familiar. O Brasil, ainda mantém crianças e jovens em trabalhos remunerados considerados impróprios para não adultos, prática essa defendida culturalmente por muitas famílias ou por aqueles que ainda se beneficiam com a exploração. A dificuldade em combater definitivamente essa prática se esbarra na própria cultura brasileira e com a desigualdade social que obriga famílias pobres a recorrerem a mais mão - de - obra, para o aumento da renda familiar.

O MTE, em 3 de junho de 2009, instituiu a Instrução Normativa Nacional nº 77, que dispõe sobre a atuação da inspeção do trabalho infantil e proteção ao jovem trabalhador. Entretanto, contrariando as legislações vigentes, ainda é possível encontrarmos muitas crianças e jovens sendo explorados no trabalho. Segundo dados da PNAD, referentes a 2007, o trabalho infanto-juvenil atingiu 10,8% da população entre 5 e 17 anos, representando um contingente de cerca de 4,8 milhões de crianças e jovens

No Brasil, mais de 400 mil crianças e jovens na faixa etária entre 5 e 16 anos exercem trabalho doméstico. Esse é um dos principais setores de ocupação de crianças e jovens no país. A maioria, 90% dos casos, é do sexo feminino e com maior incidência de pessoas de cor negra ou parda. A atividade é considerada exploração infanto-juvenil pela OIT

Existe uma relação muito forte entre o trabalho precoce e a desigualdade social. Frigotto (2004), afirma que os jovens trabalhadores

tendem a sofrer um processo de adultização precoce ao contrário dos jovens de classe média e alta que, em sua maioria, inicia sua inserção no mundo do trabalho após os 25 anos de idade e em postos de trabalho ou atividades de melhor remuneração. Enquanto que os jovens, filhos de trabalhadores assalariados, precocemente ingressam no mercado formal ou informal de trabalho precário, em termos de condições e níveis de remuneração.

Para Becker (2003), o jovem, apesar de suas preocupações com o corpo, identidade, conflitos sexuais e familiares e outros envolvimento importantes, geralmente demonstram que a escolha da profissão é um assunto prioritário. Os jovens são pressionados pela família, escola e sociedade a ocupar-se de atividades remuneradas, o quanto antes. São vários os fatores que influenciam na escolha da futura profissão ou ocupação: tendências e habilidades inatas, educação, saúde, estrutura e tradição familiar, grupo cultural e classe socioeconômica à qual pertence o indivíduo.

Normalmente, grande parte dos jovens pertencentes a famílias de baixa renda têm como opção apenas a busca por um emprego ou ocupação temporária e não a escolha de uma profissão, pois não possuem as mesmas condições de vida de um jovem de família com elevado capital econômico e cultural que dispõe de recursos e tempo para se dedicar à formação física, cultural e intelectual e, sobretudo, profissional.

Geralmente as famílias com alto poder aquisitivo já preparam, desde crianças, seus jovens para o ingresso nas ocupações de comando e chefia ou em profissões de caráter liberal que em todo o caso são cargos altamente remunerados. Estes não necessitam trabalhar precocemente e são educados de acordo com o *habitus* de referência social, proporcionando maiores

possibilidades de ascensão social e profissional. Participam de atividades culturais, aprendem outros idiomas e podem dedicar exclusivamente à escolarização. Enquanto que os jovens pertencentes às famílias de baixa renda são quase sempre educados para a inserção no mundo do trabalho, sem qualificação e de forma precoce.

Muitos jovens ocupam serviços não compatíveis com suas capacidades físicas e emocionais. Nessa mesma perspectiva, Oliveira & Robazzi (2001) afirmam que o ingresso desses jovens no mundo do trabalho, em muitos casos, pode não significar fator positivo em suas vidas, pois ocupam cargos, em geral, destinados aos adultos. É o caso de jovens

Que trabalham no meio urbano inseridos no mercado formal acabam limitando-se ao desenvolvimento de tarefas de apoio na prestação de serviços, como embaladores, empacotadores, repositores de mercadorias e *office-boys*. Para o adolescente que está descobrindo seu espaço no mundo, assumir sua função de trabalhador nestas ocupações organizadas pode levar, pelas condições encontradas no trabalho, a sérios prejuízos na construção de sua identidade, enfrentando conceitos que ainda não são de seu domínio, apesar de propícios da idade, como a baixa autoestima, o desinteresse, podendo chegar ao abandono do trabalho, problemas de relacionamento, entre outras dificuldades. (...) A Formação (trabalho-aprendizagem), que não há distinção do trabalho que realizam com o trabalho desenvolvido pelos adultos, acrescenta nada ou muito pouco à educação profissional, ocupando o tempo que poderia ser destinado aos estudos ou brincadeiras, base para o desenvolvimento saudável e formação da estrutura do futuro adulto. (OLIVEIRA & ROBAZZI, 2001, p. 86)

Os diferentes serviços ocupados por esses jovens podem não trazer contribuições significantes para sua vida adulta, devido a traumas recorrentes à falta de habilidades, o que é natural nessa idade, e a um indevido tratamento recebido no local de trabalho. Ao abordar essa realidade, Abramo (2005) revela uma situação vivida pela maioria dos jovens que trabalham e faz, também, uma

importante indagação que pode inovar os debates acadêmicos acerca do tema de trabalho e juventude.

O trabalho, como atividade ou aspiração, é uma realidade para metade deste grupo etário, mas normalmente em condições terrivelmente precárias, o que reforça a preocupação existente com o dano que tal experiência pode causar no desenvolvimento e trajetória futura dos jovens que assim vivem esta experiência. (...) Pode ser importante levar em conta essa questão no debate sobre as políticas, que muitas vezes fica polarizado nos termos de apoiar ou retardar o ingresso dos jovens no mercado de trabalho; talvez falte uma discussão sobre que tipo de trabalho (em que condições, com qual jornada, com que perspectiva de formação e carreira) o trabalho deve ser combatido ou estimulado. (ABRAMO, 2005, p. 68)

O trabalho precoce, no Brasil, normalmente, se caracteriza em tipos de trabalhos não adequados ou não compatíveis ao desenvolvimento físico e emocional do menor, mas a necessidade de contribuir com a renda familiar define um papel importante ao trabalho. O trabalho exercido por jovens, além de caracterizar um meio de contribuição familiar, também é visto pela sociedade como prevenção à criminalidade e a inserção ao mundo das drogas. Para o jovem, que contribui ou não com a renda familiar, o trabalho pode significar renda, reconhecimento social e respeito perante a família e a sociedade. Com isso se sente importante num país que valoriza o trabalho e desvaloriza o processo educacional e a formação cultural, física e ética dos jovens, em comparação ao trabalho.

O trabalho precoce além de ser considerado meio de contribuição na renda familiar é, sobretudo, uma prática comum que envolve questões morais, culturais e, sobretudo, econômicas. Essa prática é legitimada e aceita, principalmente, nas famílias de baixa renda, pois não encontram alternativas para aumentar a renda familiar. “Cabe ressaltar, então, que a questão central não é de caráter individual nem primeiramente de gênero, de cor ou de raça, mas de classe social” (FRIGOTTO, 2004, p. 193)

Nesse atual cenário do mundo do trabalho, cada vez mais excludente, competitivo e transitório o trabalho precoce como solução pode, na verdade, representar uma ilusão e um desequilíbrio para a formação de identidade social e profissional dos jovens, principalmente quando se trata de atividades informais, insalubres e de baixíssima remuneração. O interesse econômico, no capitalismo, geralmente, impõe aos trabalhadores uma vida exaustiva e humilhante em que a família, o descanso e o lazer fiquem sempre em segundo plano. “Dessa forma, o poder econômico impede o exercício dos direitos, como critérios normatizadores das relações sociais, necessários à garantia de padrões mínimos de civilidade”. (MARIN, p.117, 2006)

A exploração física e a violência moral e psicológica no ambiente de trabalho podem afetar consideravelmente a vida dos jovens trabalhadores. Pela falta de experiência e ingenuidade, os jovens podem sofrer diferentes agressões morais e psicológicas no ambiente de trabalho e passam a carregar traumas, nesse sentido, para o resto de suas vidas. Situações como assédio sexual e depreciações pejorativas por não acompanhar o ritmo dos adultos fazem, normalmente, parte da trajetória de muitos jovens que trabalham, mas sempre ocorrem de forma velada.

Ao mesmo tempo os jovens sentem a necessidade, produzida ou não, de subsistência ou não, de ingressarem no mercado de trabalho o mais cedo possível. Com isso, geralmente, buscam uma qualificação de ocupação, e não profissional o que, em alguns casos, não é suficiente para enfrentar um mercado sempre em constante transformação. O preparo para alcançar uma ocupação pode ser para muitos o meio mais provável, mais barato e mais rápido para conquistar um espaço no mercado de trabalho.

A inserção precoce dos jovens no mercado de trabalho está possivelmente associada, em alguns casos, com o abandono escolar notadamente entre rapazes, ou com a migração para o turno noturno, para ambos os sexos. “Nada menos que 33% dos jovens iniciam sua carreira como trabalhador entre 5 e 14 anos, e somente um quarto deles o faz depois da maioridade” (GUIMARÃES, 2005, p.167)

É, normalmente, a partir dos 14 anos de idade que a participação na força de trabalho de jovens, pertencentes a famílias de baixa renda, se intensifica. Portanto, essa etapa da vida revela-se, para eles, como fundamental para a entrada no mercado de trabalho, embora nesta época, não tenham ainda alcançado a idade necessária para, pelo menos, a conclusão dos estudos no ensino fundamental. Para Carvalho (1997), é grande a dificuldade em conciliar trabalho e os estudos. “Grande parte de nossa infância e juventude só estuda porque tenta combinar trabalho e estudo e uma parcela, talvez maior, não consegue estudar porque necessita dedicar-se integralmente ao trabalho”. (CARVALHO, 1997, p.12)

A relação entre a escola e o trabalho também é um importante elemento para o estudo da juventude. Muitos jovens estudam para trabalhar, ou seja, desejam concluir o ensino médio para ingressar em um bom emprego. Por sua vez, outros trabalham para estudar. Nesses casos cursam supletivos particulares para a conclusão do ensino médio ou pagam faculdade. A escolaridade e a qualificação ocupacional ou profissional é um fator importante para todos os jovens que buscam uma melhor remuneração ou a inserção no mundo do trabalho.

A falta de capacitação profissional faz parte da realidade de grande parte dos trabalhadores brasileiros, ou seja, a maioria dos jovens e, por isso, são inúmeras as dificuldades em encontrar uma vaga no mercado de trabalho, com carteira assinada. Sem qualificação, passam, portanto, a contribuir com o crescimento da informalidade no mundo do trabalho.

As constantes transformações no mundo do trabalho apresentam múltiplas características. Segundo Antunes “Na heterogeneização do trabalho, vivencia-se uma subproletarização intensificada, presente na expansão do trabalho parcial, temporário, precário, subcontratado, terceirizado, que marca a sociedade dual no capitalismo avançado”. (2000, p.49)

São nessas novas formas de trabalho, citadas por Antunes, que estão milhares de jovens que necessitam trabalhar para contribuir com as despesas domésticas. Para Branco, (2005), a desigualdade social expressada, principalmente, no nível de renda das famílias, proporciona a continuidade da situação de precariedade desses trabalhadores que se encontram perpetuados no ciclo de pobreza. Esses jovens que se encontram em posições ocupacionais de baixa qualidade, de vínculos precários e de menor remuneração, situados no setor informal comprometem os estudos e a própria formação profissional importantes para a fase adulta.

Todos os indicadores disponíveis tem indicado uma forte pressão dos jovens na procura por ocupação, denotando, que se eles estivessem apenas se dedicado às atividades de escolarização e aprendizagem profissional, as taxas de desemprego cairiam substancialmente, uma vez que seu ingresso na força de trabalho seria adiado. E, além disso, estariam adquirindo melhor preparo educacional e profissional, requisitos indispensáveis para que pudessem enfrentar com maiores chances de êxito os desafios e obstáculos colocados por um mercado de trabalho cada vez mais excludente e competitivo. (BRANCO, 2005, p. 131).

Os primeiros anos da juventude podem ser considerados como uma fase importante para a formação social de um futuro adulto. O jovem deve ser considerado um ser social dotado de direitos e percepções sobre a realidade e não apenas visto como um sujeito consumidor. A cidadania é, no Brasil, confundida, continuamente, com os atos de consumo. Para Dayrell (2003), cada sujeito em processo de socialização é um ser singular, que produz uma história e interpreta o mundo por meio da representação social da sociedade em que vive, da posição que ocupa e das relações com a escola, família e amigos.

A juventude, portanto, pode ser considerada uma fase de experimentação, de aprendizagem e de desenvolvimento físico e emocional e, sobretudo, social, importantes para a formação de um adulto saudável. Seu ingresso no trabalho como um aprendiz é um direito que deve ser ampliado, notadamente esse tipo de trabalho aprendizagem deve levar em consideração todo processo de desenvolvimento juvenil para que não haja prejuízo na formação ética e moral desse indivíduo.

Trabalhar por uma necessidade de sobrevivência é a realidade de muitos jovens, no Brasil. No entanto, o interesse pelo trabalho não se resume somente na necessidade e na contribuição do orçamento doméstico, nessa perspectiva podem estar envolvidas situações de reconhecimento social, possibilidades de consumo e a busca pela independência em relação à família. Mais do que tudo, se trata de dar sentido ao trabalho.

CAPITULO 02 – TRABALHO: SENTIDO E REPRESENTAÇÃO

2.1 As representações sociais e a necessidade do trabalho

No Brasil, o trabalho, normalmente, simboliza a dignidade, a honestidade, a busca pelo respeito e reconhecimento social. Mas, em muitos casos ele representa, apenas, um meio de sobrevivência ou uma renda a mais no orçamento familiar. Jovens pertencentes às famílias de baixa renda são constantemente estimulados e pressionados a ingressarem, o quanto antes, no mercado de trabalho, seja para contribuírem com o orçamento doméstico, seja para cobrir gastos pessoais ou simplesmente para não serem reconhecidos socialmente como desocupados.

O trabalho, nesse contexto, é reconhecido, socialmente, como uma oportunidade de afastar os jovens do risco da marginalidade e da condição de pobreza, normalmente considerados sinônimos, ou seja, a criminalidade e a pobreza são relacionados em uma situação de causalidade. Segundo Coimbra e Nascimento, (2003), em meados do século XIX surgem teorias que forjam negativas subjetividades sobre a pobreza. “Pela ótica e ética do capitalismo, a miséria passa a ser naturalmente percebida como advinda da ociosidade, da indolência e de vícios inerentes aos pobres”. (COIMBRA; NASCIMENTO, 2003, p. 21).

Esse estigma que acompanha grande parte dos jovens brasileiros tem contribuído para a formação de um pensamento social sobre o trabalho,

representando, assim a defesa do trabalho precoce ou juvenil, no combate e prevenção à criminalidade. Nessa perspectiva, quanto mais cedo uma pessoa ingressar no mercado de trabalho, melhor.

Com isso, a procura por uma vaga no mercado de trabalho por parte dos jovens é cada vez mais crescente e constante. Os anseios juvenis relacionados ao trabalho representam um importante elemento no debate sobre valores, sociedade e família. A atividade remunerada na vida dos jovens não representa apenas uma ocupação, reconhecimento e experiência, mas, sobretudo representa uma renda e por meio do salário que se completa o rendimento familiar e a satisfação de consumo desse jovem. Com isso, esse jovem trabalhador se sente útil e importante em seu meio.

A valorização do trabalho se intensifica ao se tratar do mercado de trabalho formal: a carteira assinada representa, além do salário, os diferentes direitos do trabalhador. Nessa perspectiva este assume o trabalho como algo importante para sua vida.

Na medida em que a remuneração e os valores morais, que envolvem o trabalho, se tornam elementos importantes na relação entre uma família e o(a) jovem, as subjetividades que envolvem o sentido do trabalho se tornam cada vez mais complexas. São inúmeras as variáveis que podem ser citadas na análise entre a relação trabalho e juventude. Consumo, Identidade, Perspectivas, Exploração, Tempo, Respeito, Subordinação, Hierarquia, Assédio, Autonomia, Independência e Depressão. Estas e muitas outras variáveis podem ser analisadas como diferentes complexidades que envolvem o Mundo do Trabalho e a Juventude. Nesse sentido, não é uma tarefa fácil o estudo das juventudes e o Mundo do Trabalho.

A realidade de uma família de baixa renda que necessita arcar com inúmeros gastos com pouco, mas importante rendimento se torna ainda mais complexa relacionando-a com a juventude. Por outro lado, as formas subjetivas da relação entre o trabalho e a juventude se desenvolvem contribuindo para a convicção que, geralmente, o jovem tem da importância do trabalho em sua vida. A representação que o próprio jovem faz do trabalho é, portanto, um importante elemento nos estudos sobre o mundo do trabalho e a sociedade. Ela por si só não apreende toda uma realidade, mas é um importante elemento de análise social que contribui imensamente com toda a pesquisa e compreensão deste tema proposto. É uma forma de aproximar ainda mais do mundo dos sujeitos pesquisados.

Desenvolvemos nossas concepções de mundo e comportamentos por meio das interpretações sociais que nos cercam e, nesse sentido, o trabalho para o indivíduo representa um valor positivo, pois o fundamento do sistema capitalista é o desenvolvimento da produção para o consumo, logo deve-se produzir, bem como deve-se consumir, nestes dois aspectos o trabalho é valorizado, por meio dele se produz e por meio dele se consome.. Muitos passam a se identificar por meio de sua atividade laboral. Para Moscovici (2003), nossas ideias, nossas representações são sempre filtradas através do discurso dos outros, das experiências que vivemos nas coletividades às quais pertencemos.

Diferentes perspectivas teóricas procuram, sobre um aspecto ou outro, destacar os valores sociais e morais que sustentam o enaltecimento do trabalho. Sarti (2007) aponta os valores morais como fortes elementos subjetivos que contribuem para a superação de situações de degradação do

próprio trabalhador. Segundo ela, o valor moral atribuído ao trabalho compensa as desigualdades socialmente dadas, na medida em que é construído dentro de outros referenciais simbólicos, diferentes daqueles que o desqualifica socialmente. A ética do trabalho, ou seja, a busca de reconhecimento social é reproduzida socialmente, legítima e justifica a submissão à disciplina do trabalho. Por meio dessa ética é que se atribui o sentido positivo ao trabalho. Ele, portanto, é visto como um meio de ordenação da sociedade, essa concepção de ordenação do meio social através do trabalho constrói um sentido positivo para o trabalho. Para o trabalhador, em geral, seu trabalho possui qualidades, definidas, sobretudo em termos morais, ainda que socialmente seja desqualificado ou não qualificado e dificilmente sustente as aspirações que o mundo capitalista oferece.

Segundo a autora, o valor do trabalho, com o benefício social que dele decorre, não se inscreve, apenas dentro da lógica do cálculo econômico do mercado, ou seja, o trabalho vale não só por seu rendimento econômico, mas por seu rendimento moral. A dimensão positiva construída sobre o trabalho através de fundamentos morais e religiosos possibilita relacionar o trabalhador ao respeito social e à dignidade social, destinando a esse trabalhador um lugar na sociedade. É por meio do trabalho que os trabalhadores se distinguem dos outros procurando se aproximar do modelo de vida socialmente aceito e desejado. Esse valor moral atribuído ao trabalho contribui para manutenção da exploração capitalista do trabalho, pois mantém o trabalhador comprometido, moralmente e fisicamente, com o trabalho, mesmo que esta atividade se mostre alienante, monótono e de baixa remuneração. “No desenvolvimento das forças produtivas chega-se a uma etapa em que são originadas forças

produtivas e formas de troca, as quais, no quadro das relações existentes, produzem apenas estragos e não são mais forças produtivas, e sim forças destrutivas (maquinaria e dinheiro); e junto disso, surge uma classe que tem que suportar todos os ônus da sociedade sem usufruir de suas vantagens;(...). (Marx, p. 105, 2004).

Nessa perspectiva, o indivíduo que não trabalha não é reconhecido como um indivíduo dotado de moral. O ato de não trabalhar representa não apenas a privação material, mas, sobretudo moral. “Os pobres, sem dúvida, aprendem em casa e na escola que é através de seu trabalho e esforço que o indivíduo deve achar seu lugar no mundo social” (Sarti, 2007, p. 94).

Na realidade os sujeitos sociais se comportam de acordo com o ordenamento imposto socialmente, seja por meio simbólico ou de forma coercitiva, seja de forma consciente ou não consciente. São levados a cumprirem determinados papéis sociais, definidos ora por sua condição social e econômica, ora por diferentes situações. Os valores sociais fazem parte do processo de socialização. A aceitação às normas e regras sociais, bem como ao sistema de produção e distribuição de bens que engendra o mundo do trabalho é resultado do processo de socialização. A subjetividade que legitima as práticas que envolvem o trabalho e o trabalhador constitui um importante meio de preservação de um modo de sociabilidade e organização econômica.

Os indivíduos, em sociedade, estão envolvidos em um constante processo de socialização, é nesse processo que se desenvolve a identidade social de cada indivíduo. Segundo Dubar (2005), a socialização é um processo de identificação, de construção de identidade, em que se assume o pertencimento a grupos, as atitudes e percepções sobre o mundo, contribuindo

para a definição de papéis sociais e da própria trajetória profissional.

Os jovens brasileiros, em sua maioria, começam a trabalhar muito cedo, ainda crianças, perpetuando os mesmos caminhos dos pais, o trabalho precoce. Normalmente trabalham realizando bicos ou como ajudantes, em atividades domésticas ou na rua vendendo balas e doces e contrariando as expectativas muitos acabam entrando na criminalidade ou prostituição por meio do próprio trabalho, pois estão vulneravelmente muito próximos das relações de criminalidade.

Por outro lado, o trabalho pode contribuir para o desenvolvimento da identidade social de um indivíduo. O trabalho pode ser considerado um dos importantes elementos para o desenvolvimento de identidades sociais, principalmente, em relação aos jovens que estão ingressando no mercado de trabalho. Para Bourdieu (2000), a identidade social define-se e afirma-se pelo *habitus*. Segundo essa perspectiva, um indivíduo através do *habitus* desenvolve práticas sociais, estruturadas e estruturantes, distinguindo daqueles que não participam e não tem acesso aos meios materiais e culturais disponíveis para esse indivíduo. Jovens pertencentes a famílias de baixa renda podem vir a participar de relações sociais, preferências, consumos, jeito de se vestir e falar de modo diferente de outros jovens, devido ao *habitus*.

O *habitus*, para o autor, se encontra em toda estrutura do sistema das disposições impondo os princípios fundamentais de estruturação em relação às práticas e à percepção das práticas. É inculcado o *habitus* sobre a trajetória do indivíduo nos campos sociais em que este está envolvido, podem ser destacados como campos de inculcação, a família, o sistema escolar e o universo profissional. Em sua análise do poder simbólico, Bourdieu (1998)

afirma que o *habitus* produz uma espécie de ajustamento inconsciente das posições e atitudes dos indivíduos e exemplifica as condições de trabalho alienante, que são apreendidas, assumidas e suportadas por um trabalhador que se acomoda em função de toda a sua história e de descendência. Segundo ele, as atitudes inculcadas pela experiência inicial do mundo social podem predispor os jovens trabalhadores a aceitarem, ou mesmo a desejarem, a entrada no mundo do trabalho, identificando com o mundo dos adultos.

Para os jovens essa identificação com o mundo dos adultos, por meio do trabalho, tanto pode trazer um satisfatório desenvolvimento social quanto a um desenvolvimento irregular, quando a adaptação não ocorre. O trabalho, em muitos casos, pode não representar a sensação de liberdade, independência e prazer quando se trata de situações de exploração, dessa forma o trabalho não é visto como atividade de satisfação e realização pode significar um fardo, uma obrigação, apenas uma única alternativa de sobrevivência. Perdendo, assim o sentido social e de valorização da existência humana. Segundo Marx (1996), o trabalho, em sua forma típica, fortalece a relação social e, é condição natural da existência humana. “Os trabalhos determinados dos indivíduos em sua forma natural, a particularidade, e não a generalidade do trabalho, isso é que constitui nesse caso o vínculo social”. (MARX, 1996, p. 62).

Os jovens tendem a se espelhar no comportamento dos adultos, conseqüentemente, no capitalismo, passam a consumir, como os adultos. O mercado consumidor, normalmente, gera, a cada momento por meio das propagandas, a necessidade de consumir, em muitos casos, o dispensável, o novo, o lançamento e, nesse sentido, o consumo passa a fazer parte da vida desses jovens. Por meio da aparência ou da moda, muitos constroem suas

identidades sociais, constituindo seus grupos ou tribos de acordo com o que se veste, com o que se usa, ou melhor, com o que se compra. “Consumo é uma metáfora que alude a rapidez com que adquirimos novos objetos e inutilizamos os velhos”. (COSTA, 2004, p.78)

Adquirir bens de consumo supérfluos tem se tornado um ato quase que naturalizado, em nossa sociedade. Os constantes lançamentos de mercadorias fetichizadas pelos meios de comunicação não são os desejos somente dos jovens, os adultos participam ativamente do mercado consumidor e não deixam de influenciar no comportamento desses jovens, de um modo geral, esse fenômeno se refere ao consumo de produtos de marca e da moda. Se vivemos em uma sociedade de consumo, participar dessa sociedade significa consumir e, é exatamente essa forma de reflexão que os jovens, geralmente, fazem ao buscar uma vaga no mundo do trabalho.

O consumo tem se revelado como um fator importante de reconhecimento social em nossa sociedade. Vivemos em um meio social norteado pelo consumo e o trabalho pode significar, nesse caso, uma possibilidade de participação nessa sociedade de consumo. É por meio da remuneração que o trabalho satisfaz o indivíduo, no sentido de se diferenciar como consumidor. Para CASTEL (1998), é a partir da posição ocupada na condição de assalariado que se define a identidade social. Nesse sentido, o trabalhador informal, na maioria dos casos, se vê em um conflito de identidade social, pois está fora de um quadro esquemático definido e delimitado, historicamente, que legitima o papel de cada trabalhador na sociedade, sendo este aceito como cidadão e, sobretudo, como consumidor.

Os anseios consumistas tendem a individualizar o indivíduo, e este

passa a viver e se reconhecer por meio de sua condição de trabalhador e consumidor. O consumo é mais um elemento motivador na trajetória ocupacional ou profissional do indivíduo. Para Gorz (2003), o indivíduo socializado pelo consumo não é mais um indivíduo socialmente integrado, mas um indivíduo levado a desejar ser ele mesmo, individualizando-se, distinguindo-se dos outros e que, canalizado socialmente ao consumo, aos outros só se assemelha pela recusa em assumir, por meio de uma ação comum, a condição comum. Os consumos compensatórios surgem como motivações, são características de uma sociedade consumista que prioriza valores hedonistas de conforto e do prazer imediato.

(...) deseja-se obter trabalho funcional para poder pagar o consumo de mercadorias. (...) O dinheiro ganho permite uma forma de satisfação mais importante que a perda de liberdade que implica o trabalho funcional (...) é precisamente a monetarização crescente das necessidades, dos prazeres e das satisfações (GORZ, 2003, p. 53)

Ao mesmo tempo na análise sobre juventude o consumo pode ser considerado um meio de socialização em que o jovem, ao consumir mercadorias ou objetos ditos da moda juvenil passa a se sentir capaz de fazer parte de grupos sociais pertencentes ao seu meio social. Segundo Fraga (2008), o consumo de determinados produtos, como camisetas e calças de grifes famosas, tênis de marca por jovens infratores envolvidos no tráfico de drogas no Rio de Janeiro, proporcionava para esses jovens, posição de reconhecimento em grupo e poder. Segundo o autor, o consumo como elemento altamente valorizado nas relações sociais não é, por sua vez, exclusividade de jovens infratores, é uma realidade que envolve os jovens, como um todo e fecham-se cada vez mais em torno de necessidades

produzidas. O papel do consumismo e o acesso aos bens de consumo são, muitas vezes, condições de sociabilidade, ou uma falsa sensação de sociabilidade, pois as relações não possuem durabilidade, são momentâneas.

O estudo da representação social do trabalho contribui, significativamente, para a compreensão do sentido que o trabalho pode representar para os jovens. Nesta análise de juventude, trabalho pode ser visto como uma forma de sociabilidade, reconhecimento, satisfação de necessidades ou disciplinarização e coerção social. Como os jovens se reconhecem por meio do trabalho? Por meio desse interessante debate podemos conhecer melhor os sentidos do trabalho na vida dos jovens aprendizes.

CAPITULO 03 – O JOVEM APRENDIZ COMO OBJETO DE INVESTIGAÇÃO: REALIDADE, REPRESENTAÇÕES E PERCEPÇÕES DOS JOVENS APRENDIZES.

3.01 – O jovem aprendiz e a intervenção do programa Jovem Cidadão

A maioria dos jovens que procuram uma vaga no mercado de trabalho é dispensada nas seleções por não possuírem experiência e qualificação profissional. Em contrapartida, a contratação de jovens na condição de aprendiz tem aumentado consideravelmente em Goiás. Nos últimos anos, o debate sobre a condição juvenil tem proporcionado a formulação de políticas públicas para a juventude, em todo o país. Uma das preocupações que envolve o debate acerca da juventude é a falta de qualificação profissional para o mercado de trabalho. Nesse sentido, as diferentes legislações sobre o tema têm contribuído para um maior destaque sobre os jovens brasileiros.

O recente e considerável aumento de contratações de aprendizes, em Goiás, chama a atenção dos jovens que buscam uma vaga no mercado de trabalho, na esperança de participar dos programas de qualificação que surgem. Premiada pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), a Fundação Pró-Cerrado (FPC) é uma das instituições, em Goiânia, que se destaca no trabalho de formação desses jovens aprendizes para o mercado de trabalho, no Estado de Goiás e no Estado do Tocantins. É uma Instituição sem fins lucrativos que mantém convênio com cerca de 200 empresas de iniciativa privada e com o poder

público para o atendimento aos jovens que atuarão como aprendizes. Normalmente esses jovens prestam serviços administrativos e como auxiliares pelo período de 6 horas por dia.

Para o desenvolvimento deste estudo sobre juventude foi realizada uma pesquisa com aprendizes da Fundação Pro - Cerrado. Os aprendizes que participaram deste estudo de dissertação têm idades entre 14 e 17 anos e fazem parte do Programa Jovem Cidadão desenvolvido pela FPC. Esse programa tem como objetivo a inserção de jovens ao primeiro emprego por meio da qualificação profissional. Aos jovens são oferecidos cursos de informática, secretariado, noções de administração e cidadania, além da capacitação prática no ambiente de trabalho de uma empresa pública ou de iniciativa privada, de forma remunerada. São também proporcionados momentos de lazer e socialização ao jovem aprendiz, ao mesmo tempo em que procura combater a evasão escolar, exigindo que o (a) jovem que ingressa no programa, estude e comprove frequência na escola.

A proposta do programa Jovem Cidadão vai além da capacitação dos jovens em atuar no mundo de trabalho, visa proporcionar uma consciência ambiental e social ao mesmo proporciona, segundo seus organizadores, a socialização entre esses jovens por meio de atividades esportivas e de lazer. A FPC seleciona os jovens, por meio de cadastro *on-line* e pelas indicações feitas pelos Conselhos Tutelares, em caso de situação de vulnerabilidade social/situação de risco. Ao chegarem pela primeira vez na Instituição passam por uma entrevista e se aprovados passam a compor o quadro de jovens aprendizes. De acordo com os dados disponíveis no site da FPC, mais de

18.000 jovens pertencentes às classes D e E já foram beneficiados com o programa. O jovem aprendiz da FPC é contratado tendo todos os direitos trabalhistas garantidos e, antes de ser encaminhado para a empresa ou órgão público onde atuará, o jovem já inicia os cursos teóricos de qualificação, que somam 1.532 horas/aula, ministradas ao longo do contrato de trabalho.

3.02 – A totalidade e as particularidades do objeto estudado

A pesquisa empírica foi realizada para se obter dados gerais referentes ao perfil do jovem aprendiz: trabalho, família, escolaridade, sociabilidade, perspectivas e sua vida antes e depois do ingresso ao primeiro emprego, como aprendiz. Por meio do banco de dados da FPC foi constatada uma população de 2.315 aprendizes e ao calcular a amostra da pesquisa foi obtido o resultado de 137 sujeitos a serem pesquisados.

Foram aplicados 159 questionários, sendo que 22 deles foram utilizados como pré-teste e 137 foram utilizados, por sua vez, como fonte de dados para o desenvolvimento da dissertação. Também foram realizadas 10 entrevistas, sendo 4 utilizadas como pré-teste. Toda a pesquisa empírica foi desenvolvida com jovens aprendizes, de ambos os sexos, devidamente autorizados pela Fundação Pró-Cerrado e pelos responsáveis legais, de acordo com as determinações do Comitê de Ética em Pesquisa.

As dez entrevistas foram realizadas com jovens escolhidos aleatoriamente entre os 137 questionários aplicados. Toda a pesquisa de campo foi realizada na FPC, no Núcleo Seu Jaime, localizado na rua

Monsenhor Celso, esquina com a rua 24, quadra Área, lote 02, Vila Santa, em Goiânia, Goiás.

O questionário privilegiou variáveis que possibilitaram a aproximação da realidade dos jovens aprendizes. Escolaridade, renda familiar, cor, idade, lazer, percepções sobre trabalho, educação e profissão foram alguns dos temas abordados no questionário, que tem como características aspectos quantitativos e qualitativos. Ao final do questionário duas importantes questões levantaram a temática da relação entre o trabalho e a vida dos sujeitos pesquisados. Essas questões foram: “Como era sua vida antes de se tornar um(a) aprendiz?” e “Como é, agora, sua vida como um(a) aprendiz?”, contribuindo, consideravelmente, para se compreender a importância do trabalho na vida desses jovens.

3.03 – Realização da pesquisa de campo

A pesquisa de campo foi realizada nas dependências da FPC. As informações sobre a dissertação e a pesquisa empírica foram repassadas para a direção que de forma imediata aceitou contribuir com o trabalho. Sem nenhum tipo de impedimento os documentos relativos ao consentimento da pesquisa foram legitimamente assinados, confirmando, assim, a participação da FPC no processo de desenvolvimento da dissertação. A coleta de informações por meio do banco de dados da instituição foi demasiadamente lenta, pois as pessoas que ali trabalhavam não tinham tempo para responder o meu pedido a um curto tempo, devido a excessiva agenda que cumprem ao longo do dia. Com isso foram necessárias várias visitas à FPC.

Para uma maior liberdade de expressão durante a pesquisa e para que a pesquisa fosse vista pelos jovens aprendizes como algo independente da FPC e da empresa em que estes prestam serviço, foi proposta a residência dos mesmos para a realização da pesquisa, no entanto, essa opção ficou extremamente onerosa, para uma pesquisa sem investimentos financeiros.

A realização da pesquisa no local em que os aprendizes prestam serviço foi à segunda proposta dentro do planejamento da pesquisa, mas se tornou inviável, visto que o ambiente de trabalho desses jovens nem sempre oferece um espaço reservado e o tempo necessário para a aplicação dos questionários e para as entrevistas. Nesse sentido, a sede da FPC foi à opção mais conveniente para a realização da pesquisa.

Durante toda a semana são realizados os cursos teóricos com os jovens aprendizes, na sede da FPC e uma vez por semana o jovem frequenta o curso teórico de aprendizagem profissional. Aproveitando dessa oportunidade foram aplicados os questionários e realizadas as entrevistas com o consentimento dos pais ou responsáveis legais pelos jovens. Toda a pesquisa foi bem recebida pelos aprendizes, escolhidos aleatoriamente. Nas dependências da FPC se sentiram bem à vontade para participar da pesquisa que em nenhum momento foi interrompida ou negada pelos coordenadores e educadores desta instituição.

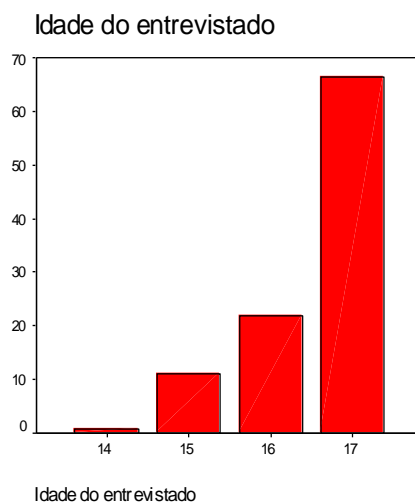
Sempre era destinada uma sala fechada e bem arejada para a pesquisa, preservando, assim, a fala e a identidade dos sujeitos pesquisados. Em um determinado momento em que eu estava realizando a pesquisa percebi a falta de alguns questionários e prontamente foram disponibilizadas as cópias das

mesmas. Portanto, a FPC e os jovens aprendizes contribuíram satisfatoriamente com todo o processo da pesquisa de campo.

3.04 – Perfil do jovem aprendiz da FPC

De acordo com os resultados da pesquisa a maioria dos jovens já completou 17 anos de idade. 66,4% dos pesquisados possuem essa idade, seguidos de 21,9 com 16 anos, 10,9% com 15 anos e o restante com 14 anos de idade.

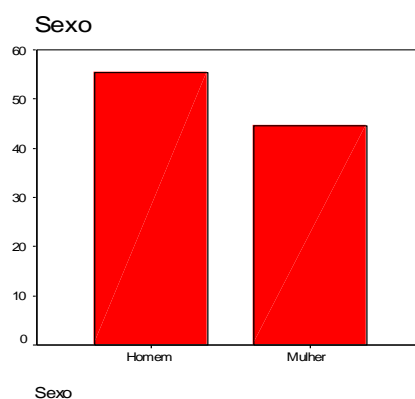
Quando os jovens completam 18 anos são desligados do programa Jovem Cidadão e alguns continuam nas empresas de origem, deixando a condição de aprendiz para ser contratados como empregados. Durante os anos de preparação da prática ocupacional ou profissional esses jovens participam de cursos teóricos, em geral, uma vez na semana na sede da FPC.



Gráficos 1: idade do entrevistado

Fonte: pesquisa da autora

Os jovens do sexo masculino estão no programa em maior número que as jovens. Entre os 137 jovens pesquisados, 76 são do sexo masculino e 61 são do sexo feminino. Analisando o banco de dados da FPC não houve evidências de diferenciação por sexo nas escolhas realizadas.



Gráficos 2: sexo do entrevistado

Fonte: pesquisa da autora

3.04.01 – O Trabalho precoce

Muitos jovens começaram a trabalhar ainda crianças, como ajudantes ou no trabalho doméstico, alguns começaram com menos de 10 anos de idade. A maioria deles começou a trabalhar com idades entre 14 e 16 anos, o que corresponde a 50,4% dos pesquisados e 16,8% começou com idades entre 10 a 14 anos. Os que iniciaram com menos de 10 anos somam 4,4% dos jovens aprendizes. Segundo Marin (2006), o trabalho infantil faz parte de um processo de socialização para muitas famílias de baixa renda, se tornando algo naturalizado:

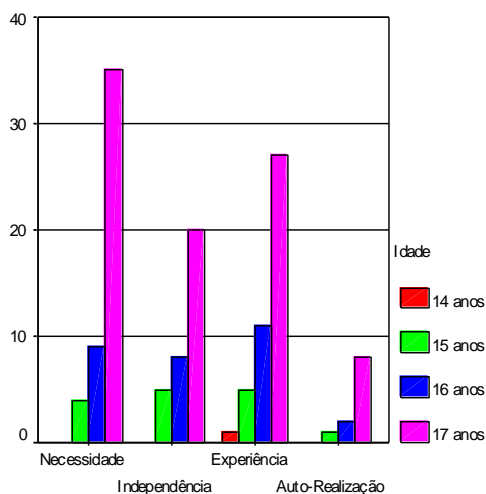
Para compreender os processos de naturalização do trabalho das crianças desde tenra idade é preciso desvendar as representações construídas sobre a infância pobre, bem como as alternativas que os adultos criam para a socialização das novas gerações. Na ausência e na precariedade de projetos que forneçam os instrumentos necessários à inclusão social, o trabalho infantil, mesmo sob condições penosas e a preços vis, constitui-se no meio privilegiado de socialização das novas gerações. Assume, contraditoriamente, valor moral, tornando-se sentido para a vida e recurso de aprendizagem e sobrevivência, multidimensões essas valorizadas para definir limites, inculcar princípios morais e enfrentar as alternativas fáceis de agregação ao crime (MARIN, 2006, p. 100)

Todos os jovens entrevistados declararam serem contra o trabalho na infância, alegando que nessa fase não é o momento de trabalho e sim de brincar e de se dedicar aos estudos. Já na juventude todos concordam que é importante trabalhar para ocupar o tempo livre, adquirir experiência, evitar a entrada na criminalidade e ter dinheiro para comprar o que necessitam e desejam.

Segundo os resultados da pesquisa empírica, referentes à aplicação de questionários, que se encontram no apêndice B, tabela 1, dentre os pesquisados, 16,1% deles somente começaram a trabalhar na condição de aprendizes na FPC e um número significativo de jovens já trabalhava antes de se tornar um aprendiz. Um total de 83,9% já exercia a atividade remunerada antes de ingressar no programa. Estes citaram as diferentes ocupações que exerceram: açougueiro (a), vendedor (a), mecânico (a), manicure, babá, feirante, facção, doméstico (a), ajudante, assistente, balconista, frete, secretário (a), em sapataria e serviços gerais.

Algumas dessas ocupações podem prejudicar os jovens no desenvolvimento físico e moral. Os acidentes de trabalho ocorrem de forma constante, no Brasil, até com adultos qualificados e experientes e grande parte dos jovens sem experiência estão correndo esse risco. Serviços pesados e insalubres são frequentemente oferecidos para os jovens inexperientes, como

serviços gerais e domésticos. E estes jovens, sem opção de escolha, aceitam mesmo sabendo dos riscos. Segundo dados disponíveis no gráfico, os jovens de 17 anos apresentaram uma maior necessidade de trabalhar que os jovens de idades inferiores.



Para você, trabalho é, principalmente

Gráficos 3: Como o trabalho é considerado

Fonte: pesquisa da autora

Um jovem de 17 anos declara que começou a trabalhar como ajudante de pedreiro ainda bem novo:

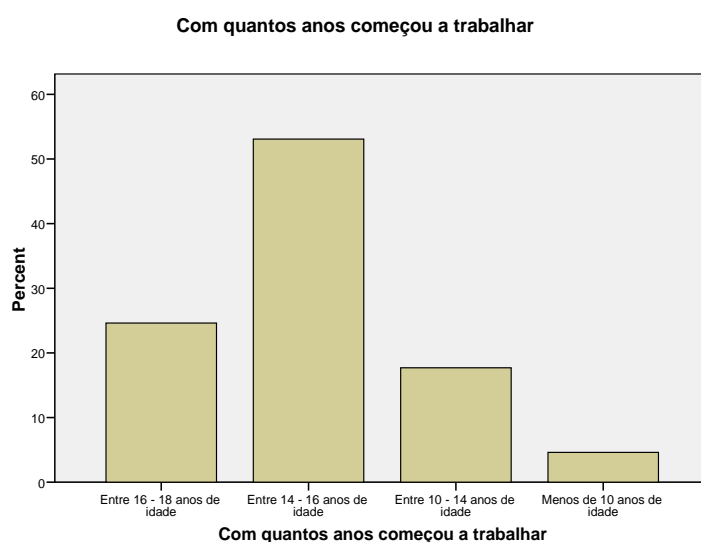
Minha vida não era ruim, mas mudou muito, porque eu trabalhava em obras fazendo serviço pesado com serra elétrica e cimento. Agora, eu não faço serviço pesado e estou aprendendo bastante. Mudei muito. Não tenho trabalho pesado e não tem riscos de acidente como havia antes. (M. masc. 17 anos)

O trabalho doméstico, como outras diferentes atividades de risco exercidas por muitos jovens apresentam características de exploração, pois se caracterizam por uma remuneração muito baixa e com alta possibilidade de acidentes, humilhação e abusos sexuais por parte dos patrões, principalmente,

por se concentrar em ambiente privado. Os jovens pobres estão, quase sempre, relacionados com o trabalho braçal, precário e mal remunerados.

O desenvolvimento escolar dos jovens, em muitos casos, é interrompido pela necessidade de trabalhar, geralmente, esses jovens trabalhadores recorrem ao turno escolar noturno para manter o processo de escolarização, mas devido ao cansaço, muitos desistem no caminho. “Os jovens vem tendo que assumir prematuramente atividades geradoras de renda, o que muitas vezes afasta-os das possibilidades abertas por uma escolarização mais prolongada”. (CASSAB, 2001, p. 80)

Mesmo em situações de perigo e má remuneração esses jovens acreditam que trabalhar é bem melhor do que ficar sem trabalhar. Caso contrário, ficam expostos à vulnerabilidade das ruas ou em casa sem nada para fazer e dependendo exclusivamente da família.



Gráficos 4: idade em que começou a trabalhar

Fonte: pesquisa da autora

3.04.02 – Motivações para o trabalho

Dos 137 aprendizes, 115 já trabalhavam em diferentes ocupações antes de ingressar no programa Jovem Cidadão da FPC. Sarti (2007) parte de um estudo sobre a família para compreender o compromisso moral do trabalho. Destacando, nesse sentido, os valores familiares da honra e da dignidade. Segundo ela, a maioria dos jovens que trabalham tem entre 15 e 17 anos, faz parte, em geral, de um sistema relacional de ajuda e de troca dentro da família em que aos pais cabe o papel de dar casa e comida, o que implica retribuições por parte dos filhos. Estes, em forma de retribuição ajudam nas despesas, em casa.

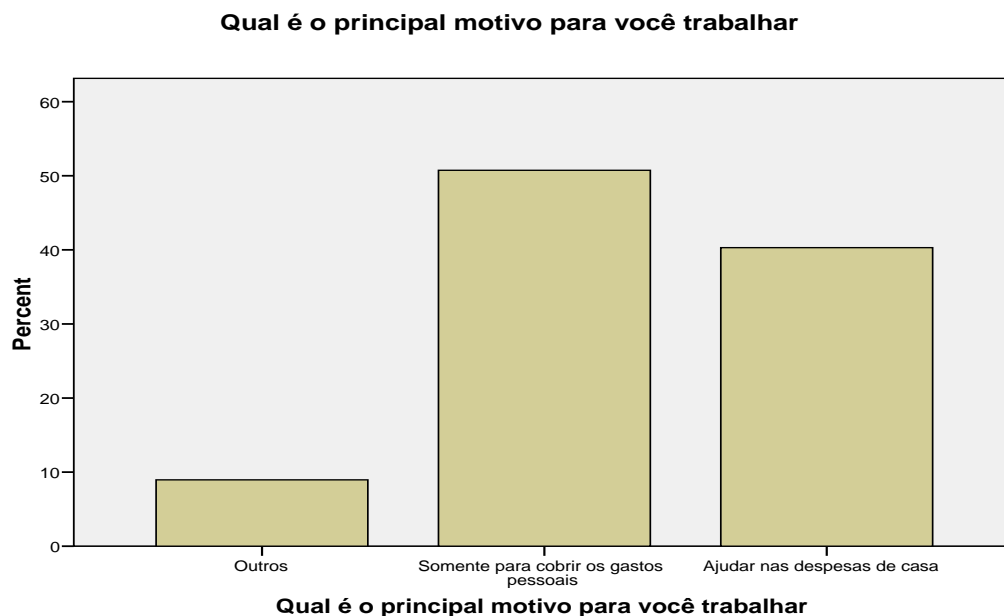
Segundo a autora as pessoas pobres e trabalhadoras compartilham um sentimento de dignidade ao se disporem ao trabalho. Existe uma forte associação do trabalho com o mundo da ordem, o que o torna fonte de superioridade moral e da mesma forma que os pais valorizam o trabalho sobre essa ótica, os filhos também carregam sobre si, a valorização do trabalho como um compromisso moral.

É grande o número de jovens que trabalham para contribuir com a renda familiar, num total de 39,4%. Mas, em contrapartida, a maioria dos jovens pesquisados trabalha apenas para cobrir seus gastos pessoais, ou seja, 49,6% dos jovens aprendizes não contribuem com o orçamento doméstico. De qualquer forma, ao manter os seus gastos pessoais esses jovens evitam um maior gasto familiar, pois assim a compra de roupas, alimentação e outros

bens de desejo e necessidade dos jovens passam a não fazer parte dos gastos familiares. Nesse sentido, contribuem para a economia em casa, caracterizando direta ou indiretamente sua participação no orçamento doméstico. Uma jovem aprendiz ao ser questionada sobre o uso do salário que recebe respondeu que tinha um sonho e foi realizado. “Antes quando eu não trabalhava tinha sempre a vontade de ter um tênis e era muito caro. Com o meu primeiro salário eu comprei um tênis” (C, fem, 16 anos)

Ajudar nas despesas de casa pode ser apenas uma das muitas razões pela qual o jovem entra no mundo do trabalho. A independência e maior autonomia podem fazer parte de um conjunto de elementos que motivam os jovens na decisão de trabalhar, Essa decisão pode ser vista como uma escolha, podendo significar a afirmação de sua individualidade, ao abrir a possibilidade de conquistar um espaço de liberdade perante a família e ao mesmo tempo ter acesso a bens de consumo que fazem parte dos padrões de comportamento que definem as marcas do jovem urbano. Quando não se contribui nas despesas da casa, trabalham para cobrir seus gastos pessoais, exatamente porque sua família não consegue arcar com esses gastos. “Mesmo sem ter experiência no mundo do trabalho, muitos jovens vêem que as condições de emprego a que seus pais se submetem não possibilitam o acesso ao mercado de consumo desejado” (FRAGA, 2003, p.136)

Além disso, a legitimação do trabalho precoce perpassa o sentido de proteção contra os riscos da vivência na rua como a violência, uso e tráfico de drogas, a prostituição, entre outros. O trabalho é considerado um meio de ocupar o tempo livre dos jovens tão vulneráveis à criminalidade. O trabalho significa uma alternativa a casa e à rua.



Gráficos 5: principal motivo para trabalhar

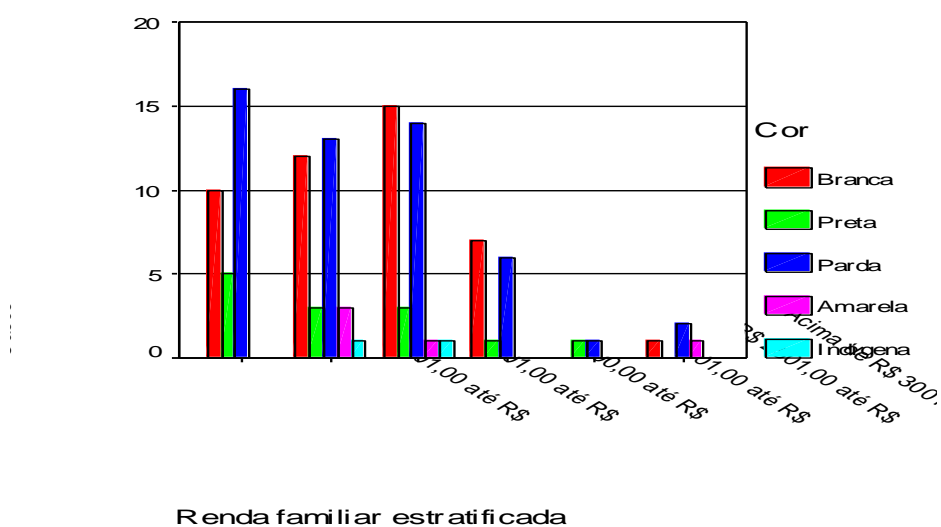
Fonte: pesquisa da autora

3.04.03 – Renda familiar

Grande parte dos jovens pesquisados possui renda familiar igual ou inferior à R\$ 1.5000.00. Pessoas de cor branca estão presentes em quase todas as faixas de renda, sendo predominantes na faixa de renda que vai de R\$ 800.00 a R\$ 1.5000.00. De acordo com os dados sobre renda familiar e escolaridade, é possível concluir que os jovens que pertencem às menores rendas familiares se preocupam mais como o futuro profissional que os jovens com renda familiar igual ou acima de R\$ 1.5001.00. Os primeiros demonstram uma preocupação em melhorar as condições de vida por meio da

escolarização e, conseqüentemente, do trabalho. São suas condições sociais que determinam, direta ou indiretamente, seus projetos de vida.

Para esses jovens a escolarização é um meio de conquistar o futuro profissional. Como também uma maneira de entender a realidade e se formar como um cidadão. Os jovens tendem a relacionar a cidadania com os direitos da juventude. São conscientes de que são dotados de direitos em sociedade, educação, saúde e trabalho fazem parte da lista de direitos do cidadão. Para Souza (2001), a cidadania pode ser compreendida como uma categoria dinâmica, histórica e socialmente variável, avançando na conquistas de direitos que culminam no estabelecimento de novos valores, parâmetros e modelos de cidadania.



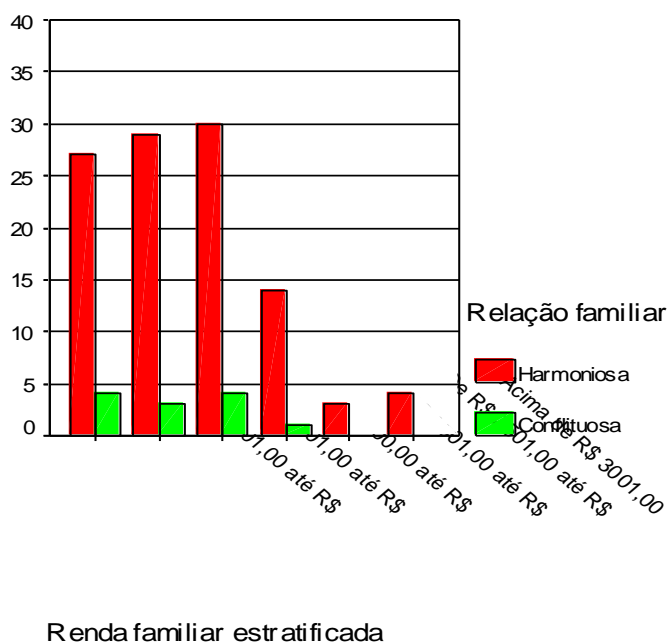
Gráficos 6: renda familiar estratificada

Fonte: pesquisa da autora

3.04.05 – O jovem e a família

A família, sem dúvidas, representa uma importante referência para o jovem aprendiz. Geralmente, os jovens constroem sua trajetória de vida por meio do apoio ou motivação familiar. Sem uma relação estável com a família o jovem pode desenvolver uma série de dificuldades em sua vida social.

O apoio da família nas questões que envolvem a escola e o ingresso no mundo do trabalho é decisivo no comportamento social dos jovens, seja na busca e permanência no trabalho, ou seja, na continuidade da vida escolar. No processo de socialização a família contribui com a construção da representação que os jovens fazem da realidade que os envolve.

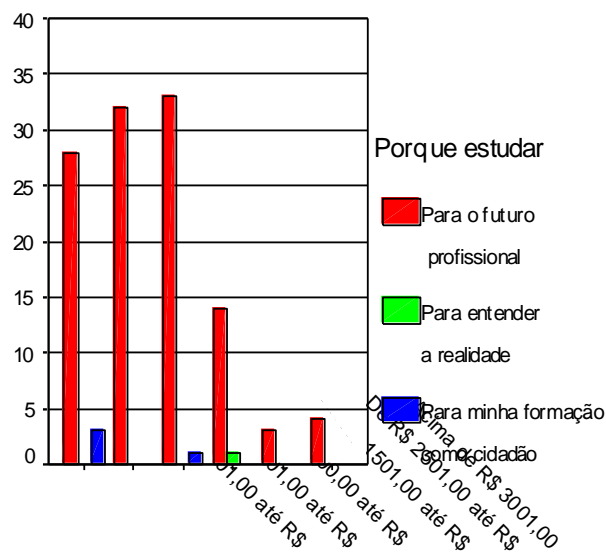


Gráficos 7: Relação da renda familiar com a forma como se dão as relações familiares

Fonte: pesquisa da autora

3.04.06 – Renda e perspectivas

A relação entre uma menor renda familiar e o interesse pelo futuro profissional é evidente nos dados disponíveis no gráfico 8. Demonstrando que as condições de vida condicionam as perspectivas dos jovens pesquisados.

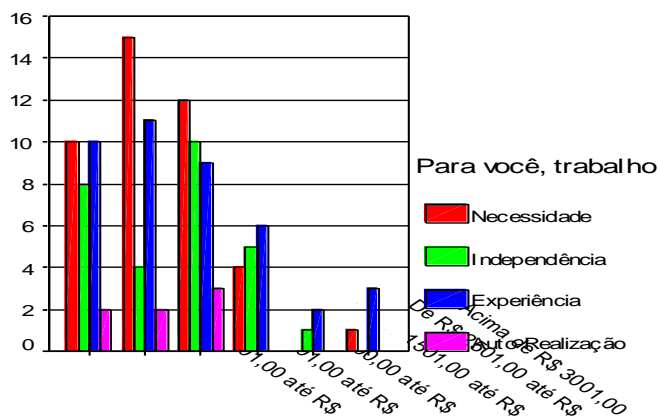


Renda familiar estratificada

Gráficos 8: Relação Renda familiar com motivação para os estudos

Fonte: pesquisa da autora

Observando o gráfico 9 é possível concluir que quanto menor é a renda familiar do jovem maior é a necessidade de trabalhar. O interesse em obter mais experiência e independência, respectivamente, também motivou os jovens a ingressarem na FPC.



Renda familiar estratificada

Gráficos 9: renda familiar por motivo do trabalho

Fonte: pesquisa da autora

3.04.07 – A raça e cor dos jovens aprendizes

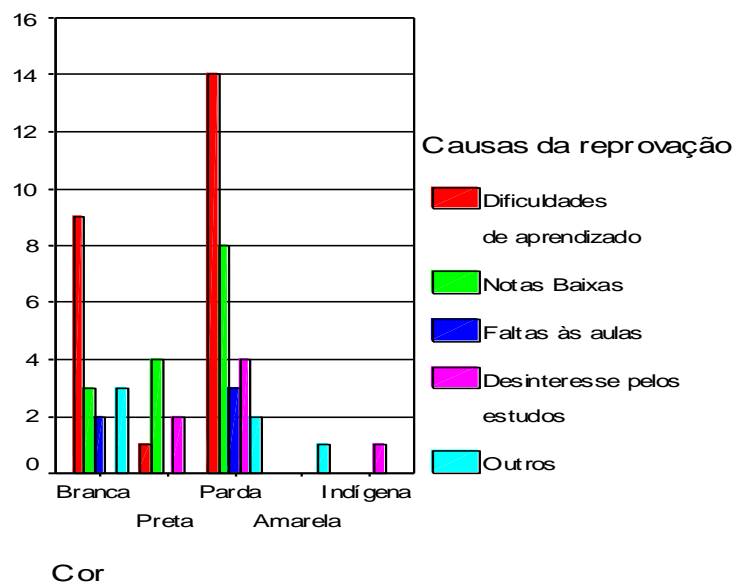
De acordo com a divisão do IBGE, essa pesquisa definiu a cor/raça dos jovens como branca, preta, parda, amarela e indígena. Vivemos em um país com grande diversidade de cor e raça e os resultados dessa pesquisa confirmam essa observação. Pessoas de cor/raça branca, preta, amarela, parda e indígena participaram desse estudo revelando situações interessantes sobre escolaridade, trabalho e renda. 45,3% são de cor parda, 37,2% são de cor branca, 10,9% são de cor preta, 3,6% são amarelos e 1,5% se definirão como raça/cor indígena.

Os dados sobre a relação entre cor e a escolaridade apresentam algumas diferenças entre o rendimento escolar de jovens de cor branca e

jovens de cor parda e preta. Por meio dos resultados sobre cor e escolaridade é possível perceber que nenhum jovem de cor branca cursa o ensino fundamental e, em contrapartida, há um significativo número de pessoas de cor parda cursando ainda o ensino fundamental. Cabe aqui um estudo mais minucioso sobre esse tema para confirmar se o preconceito aliado à secular desigualdade social, no Brasil, podem ser elementos explicativos dessa diferença de escolaridade e cor. Segundo Paixão (2003), mesmo que a prática do racismo se apresente de forma velada ou camuflada, existe, historicamente, uma relação entre a desigualdade social e o preconceito, em nosso país.

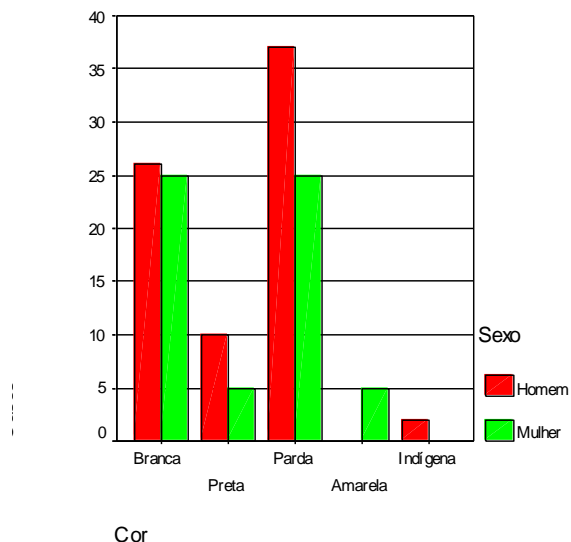
No fundo a naturalização das desigualdades raciais, produto da falsa consciência de que o nosso país seja uma democracia racial, serviu para cristalizar nossas seculares diferenças sociais, onde conforme verificamos, a esmagadora maioria da população indigente e pobre é formada por negros. (PAIXÃO, 2003, p.101)

De acordo com esta pesquisa é possível afirmar que pessoas de cor parda e negra possuem menor rendimento familiar e menor escolaridade.



Gráficos 10: causas de reprovação por cor/etnia

Pessoas de cor parda apresentaram o maior índice de dificuldades de aprendizado, notas baixas, faltas às aulas, desinteresse pelos estudos que os demais pesquisados, no entanto deve-se levar em conta que pessoas dessa cor são a maioria na pesquisa. Jovens de cor branca e amarela não mencionaram a falta de interesse pelos estudos como uma das explicações dadas sobre as reprovações, enquanto um jovem de cor indígena se diz desinteressado pelos estudos, o que ocasionou a sua reprovação.



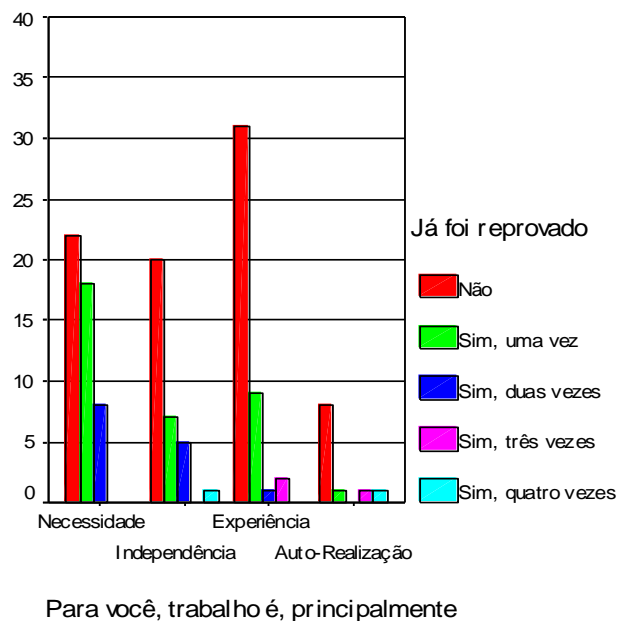
Gráficos 11: sexo por cor/etnia

Fonte: pesquisa da autora

3.04.08 – Escolaridade e Reprovação

Como um dos requisitos para se tornar um aprendiz é freqüentar a escola, todos os pesquisados estudam, com exceção daqueles que concluíram o ensino médio. Em relação à escolaridade desses jovens, é possível afirmar através dos dados analisados, uma significativa defasagem no desenvolvimento escolar de quase metade dos mesmos, principalmente em forma de reprovações.

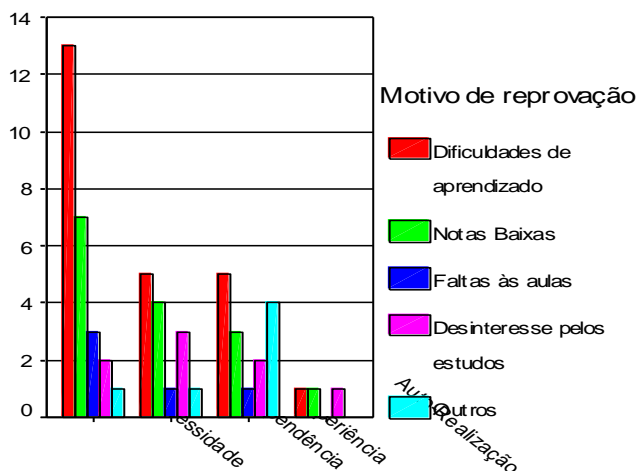
Dos pesquisados, 40% já reprovou uma ou mais vezes. É significativo o número de jovens que declararam terem sido reprovados por dificuldades de aprendizado, notas baixas e faltas às aulas. São exatamente aqueles que mais declararam que trabalham por necessidade.



Gráficos 12: motivo para trabalhar por reprovações na escola

Fonte: pesquisa da autora

Ainda que um número significativo de jovens apresente um histórico de interrupções ou reprovações na vida escolar, são unânimes em declarar a grande importância que a escola tem para suas vidas, principalmente, em relação ao trabalho. Costa (2004), ao abordar a relação entre escola e trabalho na vida dos jovens enfatiza a importância de se compreender nesta relação à influência da família, como um elemento de estímulo ou de desestímulo em relação ao envolvimento do jovem no mundo do trabalho ou no desenvolvimento escolar. Segundo esse autor, entre a infância e a vida adulta, estão presentes três instituições que funcionam de modo distinto na vida dos jovens: a família, a escola e o trabalho.



Para você, trabalho é, principalmente

Gráficos 13: representação do trabalho por reprovação na escola

Fonte: pesquisa da autora

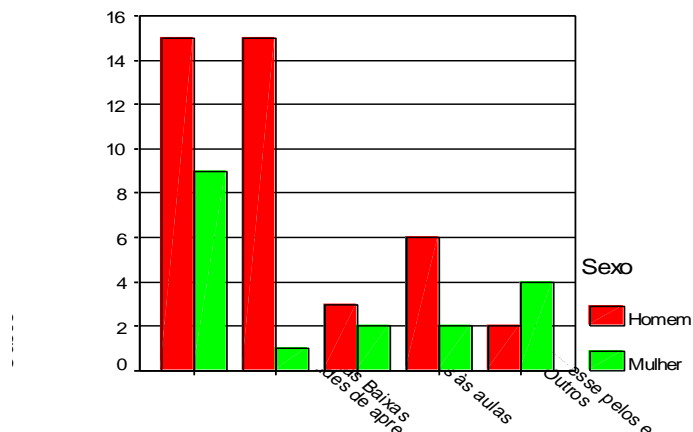
Para os jovens a família é o ponto de apoio em sua travessia entre o mundo da educação e o mundo do trabalho. Muitos jovens brasileiros, no entanto, não dependem mais da família, pelo contrário, é a família que precisa deles para colaborar na estratégia de sobrevivência do núcleo familiar. A escola, nesse caso, mesmo representando um importante elemento para o futuro, na prática se torna periférica ou inexistente em suas vidas, diretamente envolvidas com o trabalho, com a luta pela sobrevivência, não lhes sobram tempo e dedicação para a vida escolar.

Em muitos casos, os jovens, filhos de trabalhadores assalariados, estudam para concluir o ensino médio no sentido de alcançar uma vaga no mercado de trabalho. E uma pequena parte destes tem como objetivo cursar uma faculdade, para melhorar as condições de sua família. “Os jovens filhos de pobres no país encontram-se praticamente condenados ao trabalho como uma das poucas condições de mobilidade social”. (Pochmann, 2004, p.231)

De acordo com os dados, 44,8% dos jovens declararam trabalhar por necessidade, demonstrando que o trabalho nem sempre é uma escolha e sim uma obrigação, um dever, uma necessidade moral e econômica. Muitos jovens que declararam trabalhar por necessidade já reprovaram por dificuldades de aprendizagem, notas baixas e, sobretudo, por faltar às aulas e a maioria dos que já reprovaram possuem a idade de 17 anos. O cansaço físico pode ser fator determinante em um baixo rendimento escolar ou dificuldade de aprendizagem. De qualquer forma, esses jovens já carregam em suas trajetórias de vida a relação entre trabalho e escolaridade, no entanto, é necessário um estudo mais delimitado para certificar se a defasagem escolar faz parte do histórico desses jovens aprendizes antes de ingressarem no programa de qualificação. Assim será possível apontar, com mais clareza as causas da defasagem escolar dos mesmos.

Os jovens do sexo masculino apresentam mais índices de reprovação do que as jovens, no total de 69,5% contra 30,5%. Com uma maior cobrança familiar e social sobre os jovens do sexo masculino, estes tendem a ingressar mais cedo no mercado de trabalho, o que pode explicar um maior índice de reprovações em sua trajetória escolar, lembro que essa afirmação é apenas uma hipótese a ser confirmada. A condição social é determinante nessa etapa juvenil em que é definida a dedicação aos estudos ou ao trabalho.

“(...)a natureza e as condições de trabalho e a remuneração ou o acesso ou não à escola, a qualidade dessa escola e o tempo de escolaridade estão ligados à origem social dos jovens”. (FRIGOTTO, 2004, p.193)

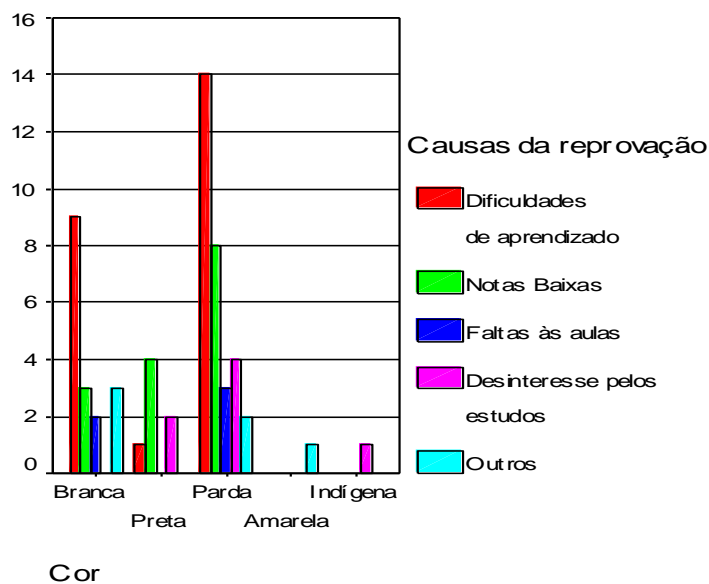


Por que foi reprovado na sua opinião

Gráficos 14: reprovção na escola por sexo do entrevistado

Fonte: pesquisa da autora

Jovens de cor parda apresentam índices de reprovaço, principalmente, pela dificuldade de aprendizagem e sempre tiram notas baixas. Seria necessário uma pesquisa mais aprofundada sobre esse grupo juvenil de cor parda e negra para confirmar ou não a relaço entre dificuldade de aprendizagem e desigualdade social existente historicamente, no Brasil.



Gráficos 15: cor/etnia por causas da reprovação

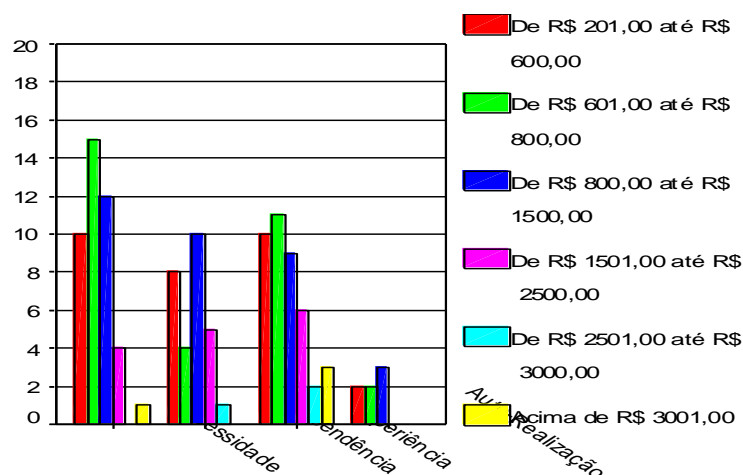
Fonte: pesquisa da autora

3.04.09 – O trabalho: pela experiência e necessidade

A experiência e a necessidade foram os elementos mais citados pelos jovens na abordagem sobre o trabalho. A independência e autorrealização também foram escolhidas como segundo plano para se explicar o interesse pelo ingresso no mundo do trabalho. Nessa perspectiva de centralidade do trabalho declararam que os estudos servem, principalmente, para alcançar o futuro profissional. Apenas uma minoria de jovens caracterizou os estudos como forma de entender a realidade e para a formação como cidadão. O grande objetivo dos jovens brasileiros é conquistar uma posição profissional com melhor remuneração e investem nos estudos com essa perspectiva, por isso a aprendizagem para a compreensão da realidade não os interessa tanto.

Segundo depoimento dos jovens, a experiência é o elemento mais importante que o trabalho pode lhes proporcionar, pois é ela que os fará permanecer ou adquirir novas oportunidades de trabalho. Nesse sentido, ela foi a opção mais escolhida pelos sujeitos, com exceção apenas de um jovem que afirma possuir renda familiar de mais de seis salários mínimos.

Os jovens que fazem parte de famílias com rendas de 1 a 2 salários mínimos, por exemplo, vêem o trabalho como uma necessidade e experiência, são essas as opções mais escolhidas e em seguida como uma forma de alcançar a independência e por último como autorrealização.



Para você, trabalho é, principalmente

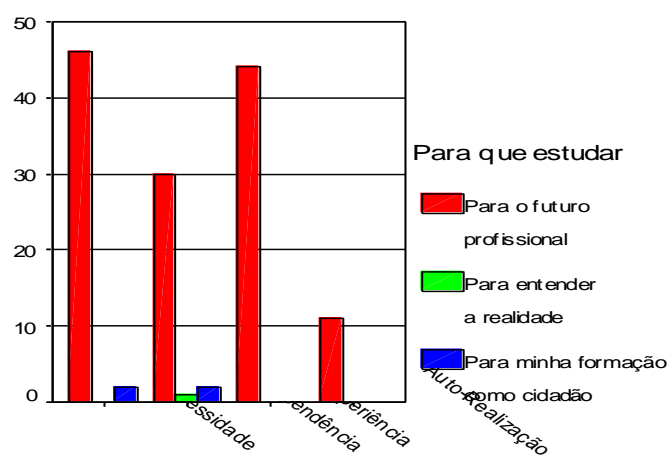
Gráficos 16: representações do trabalho por renda familiar estratificada

Fonte: pesquisa da autora

Os dados analisados apresentam uma forte relação entre a importância do trabalho e a renda familiar, contribuindo para a compreensão do sentido que o jovem dá ao trabalho a partir de sua condição socioeconômica.

Sendo a experiência é o elemento mais importante que o trabalho pode lhes proporcionar, pois é ela que os fará permanecer no trabalho ou adquirir novas oportunidades. Ela foi a opção mais desejada pelos jovens aprendizes. “Aprendo a me relacionar com as pessoas no dia-a-dia e ganho experiência para o mercado de trabalho”. (C. 17 anos - masc.)

De acordo com os dados, quanto maior é a idade dos jovens maior é a necessidade de trabalhar. Jovens de 17 anos alegaram que trabalham como aprendizes, em primeiro lugar, pela necessidade, em segundo lugar para obter experiência. Em terceiro lugar para se tornar independentes. A auto-realização está em último lugar nas justificativas, de todos os jovens, para o ingresso no mercado de trabalho.



Para você, trabalho é, principalmente

Gráficos 17: representação do trabalho por motivos para estudar

Fonte: pesquisa da autora

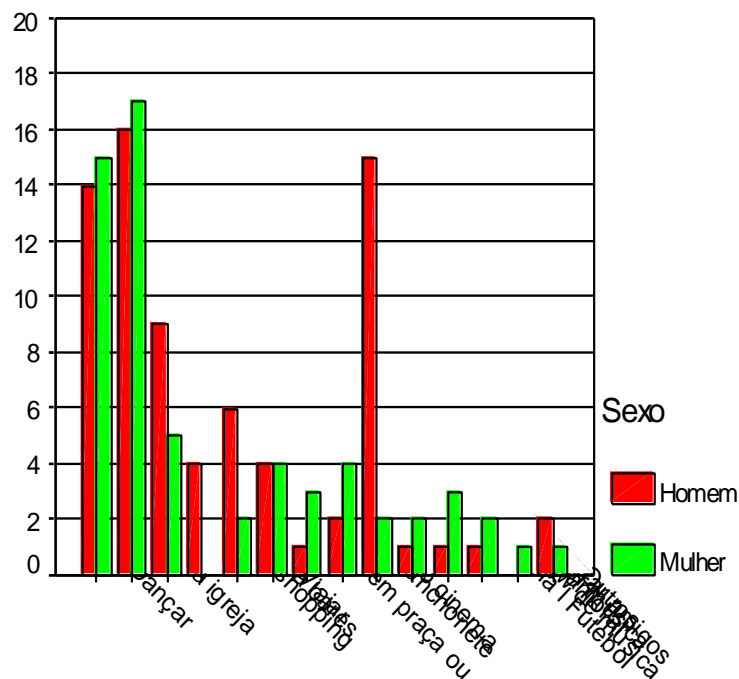
3.04.10 – O lazer no tempo livre

A escola, a casa e o trabalho são apenas alguns espaços em que esses jovens estão presentes. No tempo livre buscam outros diferentes espaços de socialização e lazer em que possam conviver com grupos que possuem um mesmo referencial de ideias e comportamentos. Em vários depoimentos os jovens declararam que antes de se tornarem aprendizes e prestar serviços em meio período, diariamente, passavam o tempo dormindo durante o dia, visitavam os amigos, ajudavam em casa e estudavam.

De um modo geral, os jovens aprendizes costumam ir ao shopping, cinema, dançar, passear nas praças ou parques e encontrar amigos. Os jovens, em geral, vão à igreja, dançam e gostam de viajar. Mesmo apresentando os mesmos gostos de lazer, existem atividades mais realizadas por homens e atividades mais realizadas por mulheres. Os jovens, do sexo masculino em maior índice que as mulheres, também ocupam o tempo livre jogando bola, frequentando bares, shoppings e em passeios em parques e praças, enquanto que as jovens, com mais frequência que os homens, tendem a ocupar o tempo em cinemas, encontrar os amigos, ir a lanchonetes e namorar.

O que recebem como salário, na condição de aprendiz, também é utilizado para os custos com o lazer, como ir ao cinema e shopping. Segundo depoimentos de muitos jovens, com o trabalho, passaram a sair mais nos fins de semana com muito mais autonomia e independência.

Eu achava muito ruim, porque eu não podia ir aos lugares que eu gostava, pois minha mãe nem sempre tinha condições de me dar dinheiro. Minha vida mudou bastante, com esse programa. Eu tenho mais liberdade, posso sair ir ao cinema e em outros lugares que eu gosto. (F. masc. 17 anos)



Tipos de lazer

Gráficos 18: tipos de lazer por sexo

Fonte: pesquisa da autora

3.04.11 – Escolhas profissionais ou ocupacionais

Por meio das informações contidas na tabela 2 em apêndice C, são variadas as opções sobre a carreira profissional pretendida. O direito, a medicina, a carreira militar, psicologia, veterinária, administração, ciências da computação, engenharia, educação física e jornalismo foram às profissões mais desejadas pelos jovens pesquisados. Alguns entrevistados declararam que a escolha para o futuro profissional foi definida por meio da própria

experiência como aprendiz, ou pelo menos esta fortaleceu o objetivo de seguir determinada carreira profissional:

Eu vou começar agora a faculdade para redes de computação, então vou ingressar na área tecnológica. Eu nunca pensei em entrar na área tecnológica, mas depois que entrei no Pró-Cerrado comecei a prestar serviço na parte de informática onde mexe com toda a parte tecnológica. Outra área que tenho como opção é a administração, também onde atuo (G, fem, 17 anos, entrevista)

As perspectivas desses jovens são moldadas por meio do ambiente em que este vivencia. Na medida em que este passa a conviver com determinadas posições sociais desejados socialmente este passa a definir também seu objetivo de vida profissional. Os jovens tendem a se espelhar na referência mais próxima e melhor sucedida socialmente para construir seu próprio projeto de vida.

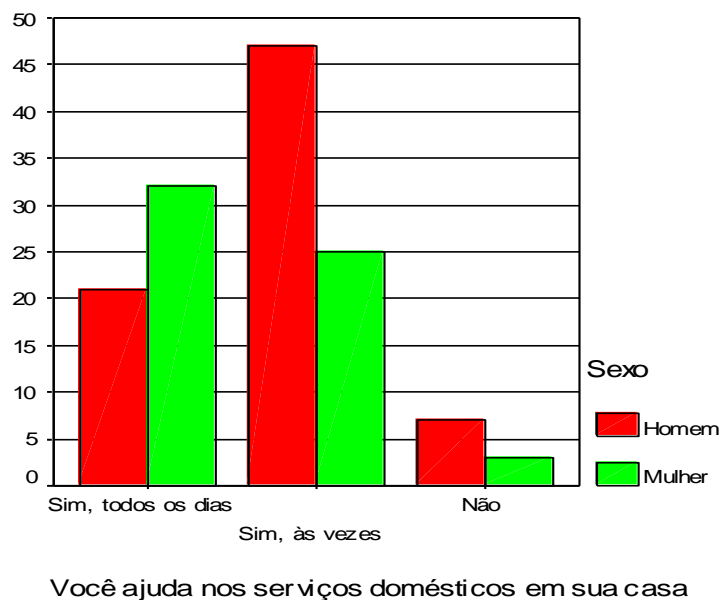
3.04.12 – Relações de gênero

Ao serem questionados sobre a participação nas atividades domésticas os jovens aprendizes confirmaram uma tradição que persiste em nossa sociedade: a cultura patriarcal e machista. Ao demonstrar sua maior participação nos afazeres domésticos em relação aos rapazes, as jovens demonstram que trabalham muito mais que eles, pois trabalham como aprendizes fora de casa e dentro de casa no serviço doméstico, caracterizando uma dupla jornada de trabalho.

As constantes transformações ocorridas em nossa sociedade, nos últimos anos, em relação aos comportamentos e costumes entre homens e mulheres, vêm contribuindo para a formação de diferentes interpretações

teóricas sobre a temática de relações de gênero. Em sua maioria sugerem que mesmo com a intensa presença da participação da mulher nos espaços sociais antes ocupados por homens, a permanência da imagem da mulher em relação ao espaço doméstico ainda persiste, representando uma forte herança cultural que faz parte do nosso cotidiano, de forma naturalizada.

Apesar de, hoje, ocuparem cada vez mais os espaços públicos, as mulheres não deixaram de ocupar o lar. Como portadoras de habilidades domésticas, historicamente e socialmente construídas, continuam a exercer as funções domésticas, como outrora. Segundo Nicolau (2007), as mulheres aprendem desde cedo o ofício doméstico. A aprendizagem da execução das tarefas domésticas ocorre em colaboração com as mães, irmãs, tias e avós, iniciando por volta dos sete anos de idade, fazendo parte do processo de socialização da mulher. “A socialização é descrita como um processo de aprendizagem de modos de agir. São conjuntos de valores e ideias a serem reproduzidas por meio da observação, imitação e modelagem”. (NICOLAU, 2007, p.5)

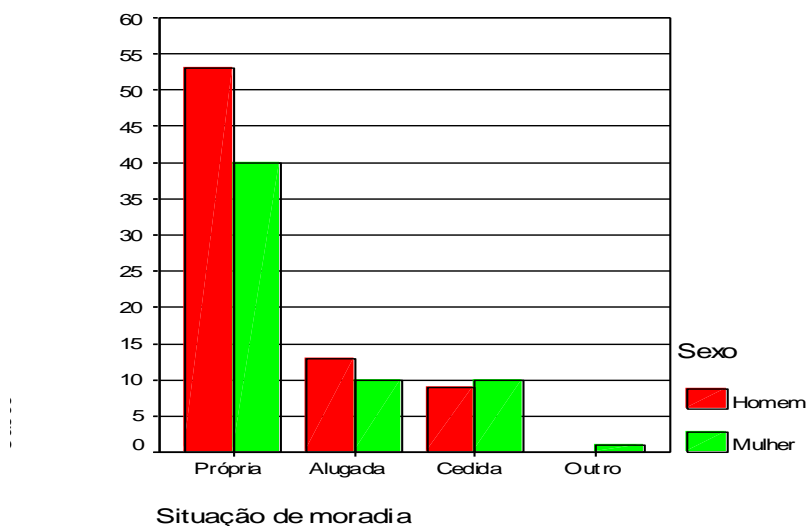


Gráficos 19: atividades domésticas por sexo

Fonte: pesquisa da autora

3.04.13 - Moradia

A maioria dos jovens (64%) vive em residência própria. Sendo que o restante se divide em aluguel, casa cedida e outras formas não reveladas. Esses dados podem revelar uma situação mais estável dessas famílias que não necessitam arcar com despeças do aluguel, que em muitos casos ultrapassam o valor de um salário mínimo, mensais. A condição de aluguel presentes na vida de muitos jovens pesquisados, sem dúvida, contribui com o peso do orçamento doméstico.



Gráficos 20: situação de moradia por sexo

Fonte: pesquisa da autora

Os jovens aprendizes, de um modo geral, fazem parte de famílias com rendas de 1 a 4 salários mínimos. São solidários às famílias e traçam objetivos

na vida por meio das expectativas de trabalho e escolarização. Pretendem seguir uma carreira profissional que possa proporcionar estabilidade financeira e reconhecimento social.

CAPITULO 04 – O TRABALHO E O TEMPO COMO SENTIDOS DE VIDA

4.01 - A relação entre juventude, trabalho e o tempo

Por meio das valiosas contribuições dos jovens aprendizes foi possível iniciar um debate sobre as motivações subjetivas e a realidade que envolve os jovens na busca por uma vaga no mundo do trabalho. A análise sobre relação familiar foi de grande importância neste estudo, pois o jovem constrói sua representação do mundo, em primeiro lugar, por meio da família. A imagem que este jovem faz do trabalho, portanto, parte da representação familiar e das instituições que participa em seu dia-a-dia.

O tempo sem trabalho e o tempo de trabalho tem ocupado grande parte das preocupações juvenis. Os jovens pesquisados percebem o tempo como um elemento importante nas reflexões sobre o trabalho. A falta do trabalho na vida deles reflete a existência do tempo livre, por outro lado, faltam-lhe tempo para outras atividades quando adentram no mundo do trabalho. As definições do tempo em nossa sociedade foram desenvolvidas, dentre outros motivos, com o objetivo de organizar próprio mundo do trabalho capitalista. Séculos atrás o tempo era constituído e medido por meio de elementos e fenômenos naturais.

Apesar do tempo ser usado para medir o trabalho, é importante lembrar que nem sempre tivemos nossa vida e trabalho pautado por agendas, horários, relógios e despertadores. O relógio mecânico, por exemplo, foi inventado no

século XIII e só atingiu uma parcela maior da população em meados do século XV quando era acoplado nas torres dos principais vilarejos europeus. Por volta do século XVI, a maioria das dioceses inglesas já possuía relógio e esse continuou existindo junto com outras formas de medição de tempo e trabalho. Gradativamente, relógios mecânicos foram se espalhando por toda Europa, sendo que no século XVIII já haviam penetrado níveis mais íntimos de relações de trabalho. Enfim, a padronização de medidas temporais universais é uma convenção que ocorreu paralelamente a fabricação e difusão de relógios cada vez mais exatos e em escalas cada vez menores. (MARTINS, 2000, p. 5)

De acordo com as declarações a seguir é evidente a mudança de vida desses jovens a partir da referência do trabalho, essa mudança se relaciona com diferentes e importantes aspectos que chamam a atenção nos estudos sobre juventude. Aqui é possível compreender porque o trabalho passa a ocupar a vida dos jovens que trabalham e do imaginário dos jovens que não trabalham. Precisamente estamos abordando uma realidade social de jovens que vivem na periferia e possuem renda familiar insuficientes para todas as despesas domésticas e gastos pessoais de seus integrantes. Em meio a uma situação econômica desfavorável estes vivem na esperança de melhorar as condições de vida de si mesmos e da família, assim vislumbram essa possibilidade, em curto e médio prazo, por meio do trabalho.

Na medida em que não surgem as possibilidades de trabalho, o tempo livre se caracteriza como um tempo perdido e a vida passa a não ter sentido, a vida fica, então se torna vazia. As más condições da renda familiar não permitem que os jovens possam comprar os bens de que desejam, assim, os sentimentos de impotência e incapacidade geram a ansiedade desses jovens de ingressar no mundo do trabalho. No momento em que surge a possibilidade de ocupar o tempo com uma atividade remunerativa demonstram a satisfação

de poderem participar da família e sociedade, de forma legítima, por meio do trabalho.

Nessa perspectiva, a vida desses jovens passa a ter sentido. Consideram-se úteis na família e na sociedade, podem agora satisfazer os desejos pessoais que estão diretamente relacionados à vida social, pois passam a comprar mercadorias que os identificam, socialmente, com um determinado estilo ou grupo característico do seu meio ambiente. No ambiente em que vive esses jovens são respeitados como trabalhadores, na medida em que participa do orçamento doméstico e passa a sustentar seus gastos pessoais.

Com o objetivo de conquistar melhores postos de trabalho, continuar aumentando as condições de consumo e, conseqüentemente, as condições de sua vida e de sua família, o jovem aprendiz valoriza a qualificação e as experiências adquiridas na esperança de se tornar uma pessoa bem sucedida, por meio do trabalho. A responsabilidade passa a ser vista como o melhor meio de continuar a ascender socialmente, se percebem mais responsáveis e se alegram com isso. O ingresso no mercado de trabalho formal possibilitou aos jovens pesquisados uma nova forma de ver o mundo e pensar o seu próprio futuro. Com as novas experiências, nas ocupações exercidas, traçam os objetivos de vida em meio às diferentes perspectivas profissionais.

Minha vida era vazia, eu não fazia nada pela tarde, meus pais não me davam dinheiro para comprar coisas que eu sempre tive vontade. Agora eu sei muita coisa, estou cada vez mais gostando dessa experiência e hoje posso ter o meu próprio salário. Eu também aprendi a ter responsabilidade, interesse por assuntos profissionais. Ajudou-me a preencher um grande vazio que eu tinha dentro da minha vida. (J. fem. 15 anos)

Muitos aprendizes declararam que viviam desocupados, sem rumo e sem dinheiro antes de se tornar um aprendiz. Mas alguns, pelo contrário, viviam trabalhando em serviços pesados e desamparados dos direitos trabalhistas. A maioria declarou que grandes mudanças ocorreram em suas vidas por meio do programa de qualificação profissional. Suas vidas passaram a ter sentido, ou seja, sentido de valor e sentido de direção: orientação para o futuro e profissão. A liberdade pode ser a palavra chave para representar o sentimento dos jovens aprendizes, liberdade no sentido de afrouxar os laços entre eles e a família. Significa uma nova etapa da vida deles em que podem sair como jovens e não mais como crianças.

Minha vida era chata, pois era a mesma rotina. Chegava do colégio, ia para minha casa. E também me sentia “dependente”. Como aprendiz melhorou 100%, pois além de adquirir experiência eu distraio a cabeça e me sinto livre. (T. 17 anos – masc)

A responsabilidade passa a fazer parte do vocabulário e do dia-a-dia desses jovens. Na condição de aprendiz, passaram a viver de forma mais responsável, a preocupação com o horário e o cumprimento das obrigações adquiridas mudam os hábitos desses jovens que abrem mão de atividades de lazer e de dormir durante o dia. O tempo já não é suficiente ou se torna pouco para o descanso, lazer e estudos.

Nos depoimentos é possível perceber a importância da remuneração para esses jovens. Mesmo sendo pouco, o dinheiro é uma constante referência em suas declarações. Com o dinheiro sentem-se mais independentes e felizes por comprar o que necessitam ou desejam.

Minha vida era sem sentido, dependia financeiramente. Agora sou um pouco mais independente, comunicativa, tenho mais amizade, adquiri mais conhecimento. (F. fem. 17 anos)

A escola, para muitos jovens, principalmente os pertencentes às famílias de baixa renda, pode significar a única alternativa de socialização e lazer, uma realidade muito diferente dos jovens com melhores condições de vida que, geralmente, ocupam o tempo com diferentes atividades esportivas e culturais, como natação, teatro, dança entre outros. Nesse sentido, o trabalho, para jovens pobres pode representar mais uma alternativa para ocupar o tempo livre e para conhecer outras pessoas e fazer amizades.

Fico feliz de ter surgido essa oportunidade na vida, porque antes eu ficava parado sem algo para fazer. (V. masc. 16 anos)

Pela manhã eu estudava e a tarde ficava à toa, às vezes eu fazia um bico. Minha vida era muito monótona, sem dinheiro, sem Deus e sem mulher. A vida desse jeito fica chata. Agora é muito mais ocupada, mas empolgante. Nós nos aperfeiçoamos a medida que aprendemos a conviver com pouco dinheiro. (R. masc. 17 anos)

De um modo geral esses jovens possuem um sentimento de coesão familiar, de solidariedade em relação à família. Esta solidariedade está representada, principalmente, por meio da preocupação em ajudar a família, financeiramente. Isso demonstra a importância que esses jovens dão à relação familiar. Com frequência planejam o futuro incluindo a família: pretendem conquistar um bom emprego e melhorar as condições de vida da família.

Para esses jovens o trabalho significa uma mudança de vida, uma nova forma de ver o mundo. Elevando a autoestima de muitos que se sentiam entediados e impotentes frente ao ócio e as necessidades do dia-a-dia. Para a maioria desses jovens, o trabalho proporciona condições de consumo e lazer, antes tão desejados por eles e dispendiosos para a família.

Era muito ruim, pois eu não fazia nada, ficava a tarde inteira na rua e dava vontade de comprar, mas eu não tinha dinheiro para sair, comprar roupas, passear e eu não podia ajudar a minha família, pois a minha mãe estava desempregada. A situação estava feia. Minha vida agora é outra, tenho um serviço e uma vida maravilhosa, pois ajudo a minha mãe e ainda dá para comprar algumas coisas, mesmo sendo pouco, mas dá para sobreviver e suprir algumas necessidades que eu tenho. A melhor coisa que pode ter me acontecido era esse serviço, pois adoro trabalhar nele. (J. fem. 17 anos)

Declararam que a remuneração que recebem é pouca, mas com ela é possível comprar o que desejam como roupas, tênis e computador além de ser utilizado para o lazer, nos passeios ao shopping, cinemas e viagens, deixando de depender exclusivamente da família.

Eu compro roupa, pago cursinho, pago prestação do meu aparelho dentário. Às vezes saio para me divertir, ajudo um pouco em casa, devido minha família não ter uma renda tão boa. (...) Eu recebo R\$190.00 então dou menos da metade. (C, fem, 16 anos)

Alguns, com muito esforço, conseguem juntar o dinheiro em forma de poupança para arcar com a formação universitária e para tirar a Carteira Nacional de Habilitação (CNH).

Antes de me tornar uma aprendiz, eu era uma pessoa muito entediada, pois não tinha nada para fazer e eu me sentia muito mal por não ter dinheiro para satisfazer minhas vontades. Minha vida melhorou bastante, pois hoje eu tenho um emprego e tenho também o meu salário que apesar de não ser muito, ajuda bastante. Eu já não fico mais entediada, pois sei que agora eu tenho a hora de sair e hora de chegar em casa. (A. fem. 17 anos)

Os jovens passam a dar valor ao trabalho não somente pelo caráter remunerativo, mas também pela rede de convivência no ambiente de trabalho. “O trabalho só funciona como estruturante de identidade se puder proporcionar ao jovem um sentido em sua vida, facilitar suas escolhas profissionais, possibilitar novos contatos sociais e ampliar a rede de amizade e de convivência” (LEAL, 2008, p. 155)

Eu não fazia nada, só ficava dentro de casa. Agora minha vida é ótima. Aprendo a relacionar com as pessoas no dia-a-dia e ganho experiência para o mercado de trabalho. (L. masc. 16 anos)

Não tinha noção de como era a rotina profissional em uma empresa, nem sabia em que iria me formar. Hoje minha vida é focar objetivos e estudar para que no futuro eu tenha uma vida financeira mais estabilizada. (M. masc. 17 anos)

Apesar de antes frequentar a rua, consideram-na um local não apropriado para os jovens, com isso, muitos acreditam ser um fator positivo não terem mais tempo para ficar mais na rua.

Antes eu só ficava na rua. Depois que eu me tornei um aprendiz não tenho tempo mais de ficar na rua, tenho mais responsabilidade. A minha vida agora é boa. Tornei-me uma pessoa independente, não preciso mais dos meus pais para comprar coisas para mim. Agora eu compro as coisas com meu próprio salário. (D. masc. 17 anos)

A prática de esporte comumente faz parte da vida dos jovens, de um modo geral, e os jovens aprendizes não fogem a essa regra, no entanto, a prática esportiva fica restrita aos fins de semana ou ao período noturno. Em muitos casos, não há mais tempo para os esportes, tão importantes para o desenvolvimento físico e social dos jovens.

Antes de ser jovem aprendiz eu praticava esporte e ficava à toa em casa. Agora, estou trabalhando e estudando muito. Minha vida agora está melhor. (G. masc. 15 anos)

Por meio do trabalho aprendizagem muitos jovens iniciam outros cursos pagos por eles referentes à qualificação ocupacional, tendo, por sua vez, como referência as demandas administrativas no qual vivencia diariamente. Geralmente exercem atividades administrativas como telefonia, manuseio e transporte de processos. Atividades em supermercados e fábricas também são realizadas por aprendizes

Depois que eu entrei no programa, além de eu começar a trabalhar, eu iniciei um curso de técnica-administrativa e sinto-me muito melhor, estou sendo mais independente. (L. fem. 15 anos)

Sempre valorizados pelos jovens e familiares, a escolarização é vista como sinônimo de um futuro melhor. Aqui os estudos são mais importantes que o trabalho, por sua vez o trabalho é visto como necessidade, algo que não se pode dispensar na juventude, ou melhor, na vida dos jovens de classe social baixa. O maior objetivo desses estudantes trabalhadores é poder conciliar trabalho e estudos, por meio do pouco tempo que possuem. Muitos depoimentos demonstram que o trabalho contribuiu para uma maior valorização da própria escolarização.

Passei a dar mais valor aos estudos. (A. fem. 17 anos)

Antes eu quase não parava em casa, ficava mais com minhas amigas. Eu ia para casa somente para dormir; na escola eu quase não prestava atenção e fazia muita bagunça. Agora melhorei muito, sou mais responsável comigo e com a escola. (J. fem. 17 anos)

Um importante elemento que apresenta relação direta com o trabalho e a vida dos jovens foi citado em quase todas as declarações: o tempo. Antes de se tornar aprendizes, grande parte dos jovens utilizavam o tempo livre para fazer bicos, passear, assistir televisão, visitar amigos, estudar e, sobretudo, dormir durante o dia, em dias úteis. Sentem agora o peso do pouco tempo para as atividades diárias.

O tempo do trabalho, nos últimos anos, tem sido discutido em toda a sociedade, mas continua sendo organizado e definido pelas exigências do capital. “O direito sobre o tempo, sobre os tempos da atividade, é o desafio de um conflito cultural que se transforma inevitavelmente em conflito político” (GORZ, 2004, p.86).

O trabalho, sem dúvida, passa a ocupar, de forma significativa, o tempo desses jovens trabalhadores, alguns afirmam não terem mais tempo para lazer, ócio e esportes.

Acordava cedo, ia para escola, chegava ajudava nos serviços de casa, assistia TV, fazia as tarefas da escola e dormia. Hoje, continuo acordando cedo, chego em casa depois de ir à escola, almoço, tomo banho, vou para o serviço, ao sair do trabalho faço minhas tarefas de casa quando tem e depois vou dormir. Aos fins de semana ajudo nas tarefas de casa e de vez em quando vou à festa. O bom do trabalho é que você pode comprar o que quiser e ainda adquire experiência para o mercado de trabalho. (J. fem. 17 anos)

O tempo para lazer e descanso se reduz ainda mais quando se trata das jovens aprendizes. Mesmo com uma significativa mudança que vem ocorrendo nas relações de gênero em nossa sociedade, a mulher continua a frente das atividades domésticas. Por meio dos depoimentos das jovens é possível concluir que os afazeres domésticos são parte de suas obrigações diárias. Essas obrigações ganham um outro sentido quando passam a trabalhar fora, representam, agora, um fardo, pois o cansaço surge como um elemento novo em suas vidas.

Uma vida sedentária, ficava somente em casa estudando, ajudando nas tarefas domésticas e assistindo televisão. Agora, tenho uma vida cansativa, pois chego do trabalho, tenho que arrumar a casa, estudar e fazer outras obrigações do dia-a-dia. (V. fem. 17 anos)

Mesmo representando um trabalho aprendizagem de meio período por dia é possível perceber, de um modo geral, uma dificuldade em conciliar o trabalho e as obrigações escolares. São constantes nos depoimentos desses jovens as queixas em relação ao pouco tempo que passaram a ter após iniciarem na FPC. O trabalho ocupa o tempo que antes era destinado às atividades escolares, descanso e lazer.

la para a escola, chegava e dormia depois eu ia jogar bola, ou seja, não fazia nada depois da escola. Às vezes eu fazia algum trabalho da escola e só. Agora minha vida é cansativa, pois não tenho tempo de fazer trabalhos de escola, jogar bola e, às vezes, não tenho tempo de dormir, pois tenho geralmente mais de três trabalhos da escola para fazer. (J. fem. 17 anos)

Pelo pouco tempo disponível, procuram, geralmente, realizar as atividades diversas no período noturno, pois durante o dia se dividem entre a escola, o trabalho e o percurso entre esses dois ambientes. Alguns jovens não se adaptam facilmente à rotina de um trabalhador, as atividades que faziam parte de suas vidas são deixadas de lado, mesmo de forma indesejada, pois a obrigação de cumprir com o trabalho, subtendida na subjetividade das relações familiares e sociais, supera as condições adversas que alguns desses jovens enfrentam.

Eu ficava em casa, ia para a escola e jogava bola, saía ou dormia a tarde, assistia TV e as vezes fazia algumas coisas em casa para minha mãe ou ficava mexendo no computador a tarde. Eu saio da escola, vou em casa, almoço e vou para o serviço. Não fico mais dormindo a tarde inteira e agora estou aprendendo muito no meu serviço. Continuo fazendo as coisas que eu fazia a tarde, mas agora faço a noite e não na mesma frequência que antes. (T. masc. 17 anos)

O trabalho como forma de ocupar o tempo dos jovens que passam mais tempo na rua que em casa tem sido o objetivo de muitas famílias que incentivam o trabalho precoce. Com o aumento da criminalidade e dos homicídios envolvendo os jovens brasileiros as famílias tendem a preparar seus jovens para o trabalho o mais rápido possível. O trabalho é visto, aqui, como um processo disciplinador em que, direta ou indiretamente, passa a moldar o comportamento dos indivíduos, além de ocupar o tempo livre. E esse tempo livre dos jovens tem sido não só uma preocupação familiar, mas, sobretudo, uma preocupação social.

Minha vida era péssima. Passava a tarde dormindo e eu ficava mais tempo na rua do que em casa. Agora eu tenho que fazer. (I. masc. 17 anos)

Uma vida corrida, essa é a constante sensação dos jovens aprendizes, pois, procuram conciliar os estudos, o trabalho e o lazer em um tempo curto demais. Mas acreditam que dessa forma estão buscando a independência financeira e um futuro melhor. Segundo eles, as consequências sociais advindas da inserção no trabalho compensam toda a dificuldade encontrada. Admitem as dificuldades, mas reafirmam a importância do ingresso no mundo do trabalho para se tornarem menos dependentes e mais experientes. Antes tinham muito tempo, mas não tinham independência e nem dinheiro, agora possuem o próprio dinheiro, mais independência e menos tempo.

O respeito e reconhecimento familiar são elementos de grande importância na vida desses jovens e ao perceberem que sua relação com o trabalho pode possibilitar uma maior qualidade na vivência familiar passam a considerar o trabalho uma atividade necessária e relevante no seu dia-a-dia.

Antes eu era dependente totalmente dos meus pais, não tinha toda liberdade, porém tinha mais tempo livre e minha vida não era tão corrida. Hoje eu tenho pouco tempo para sair e me divertir, pois tenho que conciliar o trabalho e a escola, mas tenho minha "independência" financeira e sou mais respeitada em casa, por ter mais experiência. (P. fem. 17 anos)

Para muitos o tempo livre, quando não se trabalha, representa um tédio, um vazio, uma monotonia e o trabalho representa a experiência, a aprendizagem, a responsabilidade. Consideram essas representações subjetivas elementos importantes para a formação de um jovem, de um trabalhador.

Eu ia para a escola, ia para o circo ou fazia algum curso e ficava em casa. Era ruim porque era monótono. Agora, apesar de algumas preocupações eu fiquei mais responsável com as minhas coisas e aprendi a importância do tempo. (H. fem. 16 anos)

O tempo livre para dormir, passear e brincar se choca com a responsabilidade do trabalho. Geralmente declaram sentir falta do tempo livre e por outro lado, reconhecem a necessidade de sacrificar esse tempo para a dedicação ao trabalho, o que para eles significa o preparo para o futuro, pois

adquirem experiência e qualificação por meio da vivência, ainda jovens, com o mundo do trabalho.

Eu chegava da escola ia dormir, achava isso ruim, mas agora sinto falta, mas tenho que pensar que muitos queriam ter a oportunidade que eu tive e depois desse trabalho posso comprar as minhas coisas. Tornei-me mais independente, responsável, mais paciente. Sou muito mais responsável, aprendi que a vida não é fácil e agora sei o que meus pais gastavam comigo. Hoje, graças à Fundação posso cobrir meus gastos. (R. fem. 16 anos)

Mesmo considerando pouco o que recebem como remuneração e a falta de tempo algo ruim em suas vidas esses jovens aceitam a condição de aprendiz por acreditar ser um meio de se qualificar para o futuro profissional, para eles é um esforço que valerá a pena.

Um pouco mais corrida. Vou à escola e a tarde trabalho, faço tarefa a noite, não tenho muito tempo, é ruim, mas eu sei que é o meu futuro profissional que está em jogo. (J. fem. 17 anos)

Minha vida era sem compromisso, não tinha nada para fazer e tinha muito tempo livre. Agora eu tenho um compromisso com o trabalho, não tenho tempo livre e ganho pouco. (J. masc. 16 anos)

Aqui é possível conhecer um pouco da rotina desses jovens que sempre estão muito ocupados ora com atividades escolares, ora com atividades domésticas, quando não estão trabalhando. Declaram, quase sempre, que viviam com tranquilidade e agora vivem, de forma muito agitada e com pouco tempo.

Era normal. Eu acordava cedo para ir a escola, voltava, fazia todas as tarefas, arrumava a casa e ia para as aulas de dança. Agora vou para escola, volto rápido, arrumo para ir ao serviço, volto do serviço, faço todas as tarefas e ajudo a fazer um pouco dos serviços domésticos. (I. fem. 16 anos)

Analisando alguns depoimentos dos sujeitos pesquisados é possível afirmar a ocorrência de mudanças no comportamento desses jovens, caracterizando a formação de uma identidade social a partir da própria experiência como aprendiz. Passam a vivenciar um *habitus* e a reproduzi-lo, se adaptam a novos modos de vestir, falar, se comportar de acordo com o que é legitimamente aconselhável no local de trabalho. A responsabilidade passa a direcionar o comportamento desses jovens como cumprir com as obrigações, os horários e pagar as contas. Para eles ser responsável significa ser importante.

Não trabalhava, passava o dia todo à toa. Não me relacionava bem com as pessoas. Tenho obrigações diárias, aprendi a me relacionar com as pessoas do meu trabalho que conheço que são maravilhosas. Hoje eu consigo me relacionar bem com as pessoas em qualquer lugar aonde vou. (V. fem. 16 anos)

Mudanças no comportamento social e na autoestima ocorreram no decorrer da experiência como aprendiz, essas características foram reveladas nos depoimentos de muitos desses jovens. Ao conviverem em ambientes de trabalho, geralmente, caracterizados no atendimento ao público, aprendem a agir de acordo com normas e regras pré-estabelecidas e definidas como bom comportamento.

Apreendi ter força de vontade, a conviver, ter paciência, falar mais baixo. (F. fem. 15 anos, entrevistada)

O número de jovens que trabalhavam antes dos 16 anos é significativo, muitos desses jovens retratam a precarização de sua situação de trabalho, antes de seu ingresso no programa de aprendizagem profissional:

Segundo Telles (2001), os trabalhadores, em geral, reconhecem a importância de possuir uma carteira de trabalho assinada, como é possível verificar nos depoimentos. No Brasil uma situação formal de trabalho ainda é muito valorizada. A carteira de trabalho é a representação dos direitos dos trabalhadores que por meio dela se consideram cidadãos. A informalidade, em muitos casos, possibilita a desvalorização e a insegurança do trabalhador. “Transforma em não cidadãos os que escapam às regras do contrato. Esses são os não iguais, os que não estão credenciados às exigências cívicas, justamente porque privados de qualificação profissional” (Telles, 2001, p. 18) .

Pela manhã eu ia para a escola e a tarde, as vezes, eu jogava bola, mas na maior parte eu trabalhava fazendo bico. Agora minha vida ficou muito melhor com o serviço no Pró-Cerrado, pois tenho minha carteira assinada e quando terminar o meu contrato ficará mais fácil eu arrumar outro emprego. (R. masc. 17 anos)

Reconhecem que a carteira assinada é uma conquista do trabalhador e que ela possibilita mais estabilidade e melhores condições de trabalho. Por meio dela estão garantidos os direitos trabalhistas. Consideram-se como parte de um processo de cidadania

Minha vida não era muito diferente, porque eu já trabalhava antes, o que mudou é que agora estou com a carteira assinada. Tenho maior estabilidade, sei que tenho o meu próprio dinheiro para gastar ou guardar quando quiser. (G. masc.16 anos)

Esses são os jovens que desde cedo trabalham na clandestinidade, nas sombras da lei e da dignidade. Agradecem, agora, pelo direito de adquirir uma carteira assinada, possibilitando a certificação da experiência no mercado formal, garantindo, assim, maiores chances de alcançar melhores empregos. Conhecem bem o que significa o trabalho informal, por meio de bicos foram reconhecendo a importância de se qualificar e obter mais experiência no mundo do trabalho. Logo cedo vão adquirindo e desenvolvendo uma identidade de trabalhador.

“Sempre trabalhava fazendo bico. Agora minha vida ficou muito melhor com o serviço no Pró-Cerrado, pois tenho minha carteira assinada e quando terminar o meu contrato ficará mais fácil para arrumar outro emprego”. (R. masc. 17)

Trabalhava ilegalmente, mas recebia um salário melhor. (V. masc. 16 anos)

Alguns jovens declararam que não houve mudança de vida com o programa, pois nesses casos já trabalhavam ou freqüentavam diferentes cursos, durante o dia, estão acostumados a lidar com o mundo do trabalho ou com uma vida mais agitada. Mas admitem que o tempo já não é o mesmo para proporcionar momentos junto aos amigos e familiares.

Eu fazia cursos de espanhol, dança, informática e inglês. Estudava pela manhã, fazia meus cursos a tarde. Minha vida é normal. Estudo normalmente, trabalho no turno vespertino, não mudou nada. Apenas o tempo que eu ficava com os amigos e familiares. Mas tudo continua normal. (J. fem. 14 anos)

Contribuir com as despesas da casa é, para muitos jovens, algo muito importante, tanto em relação à melhoria na qualidade de vida da família como no tratamento que esse trabalhador passa a receber em casa. Geralmente, passa a ser mais respeitado e reconhecido como membro importante no ambiente familiar: O despertar para o trabalho tem início na própria família do jovem. Quase sempre é ela que estimula, incentiva e procura o emprego para o jovem.

Devido a essas constantes cobranças o jovem se vê obrigado a trabalhar para manter, além do seu sustento, uma boa relação com a família, em alguns casos, essa relação entre o jovem e a família adquire mais qualidade se tornam mais próximos e mais solidários a partir do momento que este jovem começa a trabalhar. Para o jovem a família é uma referência quase sagrada, quando se referem a ela se emocionam desejando melhores condições de vida para seus entes queridos. Ela sempre faz parte das reflexões sobre sua vida e suas perspectivas.

Era muito ruim, pois a minha mãe vivia falando para eu trabalhar. Muito melhor. Antes qualquer coisa que eu queria eu tinha que pedir para minha mãe. Agora eu vou lá e compro as coisas no meu nome, só falo para minha mãe e ela concorda porque agora estou trabalhando. É muito gostoso sentir a liberdade de pegar o dinheiro que eu ralei duro para consegui-lo Agora estou mais próxima da minha mãe também. (W. masc. 16 anos)

Em geral, os entrevistados elogiam o programa de qualificação profissional de que fazem parte. Acreditam que esta experiência irá

proporcionar maiores oportunidades de trabalho ao concluírem a capacitação. Expressam um sentimento de tristeza ao lembrar que milhões de jovens brasileiros que necessitam de uma oportunidade de trabalho e sem esperança lançam-se na criminalidade. Uma das entrevistadas declarou que se pudesse mudar algo no mundo daria mais oportunidades de qualificação e trabalho para os jovens.⁵

Deveria ter mais oportunidade de trabalho para jovens, como o projeto do Pró-Cerrado. (F. fem. 15 anos, entrevistada)

O trabalho é, aqui, uma referência à independência. Ela é uma das principais motivações subjetivas para que os jovens busquem uma oportunidade de emprego. Dependem dos pais, completamente, incomoda esses jovens, pois quanto mais dependência mais cobrança e possibilidades de conflitos. Segundo afirmam a maioria dos jovens aprendizes, o trabalho aprendizagem significa mais que uma experiência, significa a independência, ou melhor, a não dependência total dos pais.

Passam a consumir o que sempre desejaram, satisfazendo os desejos de consumo com seu próprio dinheiro. Para eles, isso representa a liberdade e a independência e um sentimento de existir não somente para a família, mas também para a sociedade. Percebem que para serem percebidos como modernos precisam consumir, de forma constante. “Comprar se tornou

⁵ Segundo dados do MTE (Rais de 2007/Caged - Cadastro Geral de Empregados e Desempregados de 2009) em todo o Brasil somam apenas 148.582 aprendizes contratados em um país que possui aproximadamente 50 milhões de jovens.

equivalente a consumir porque o ritmo de produção das mercadorias nos obriga a descartá-las depois de um breve uso” (COSTA, 2004, p.78)

Eu só dependia dos meus pais para ter alguma coisa e às vezes eles não tinham condições de me dar o que eu queria. Agora minha vida é muito boa! Agora eu posso comprar tudo o que eu quero. Faço as minhas contas e também as minhas poupanças do mês. (A. fem. 17 anos)

Não admitem a ideia de ficar sem trabalhar, da mesma forma que o trabalho traz sentido para sua vida o não trabalhar representa uma vida sem sentido, sem motivação e perspectivas. Frequentemente abordam o descanso durante o dia, na forma de dormir, como um ato de preguiça, mal visto por eles e pela sociedade. Um costume ou necessidade biológica de quase todos os jovens pesquisados. Os planos e objetivos de vida estão pautados no trabalho, se referem ao futuro relacionando-o com o trabalho.

Ficar sem trabalhar é ruim, porque agente fica preguiçoso, ficar em casa sem fazer nada e o dinheiro que não tem, é o mais triste. (T. fem. 17 anos)

Segundo declarações de uma jovem aprendiz entrevistada existem situações de assédio sexual sobre outras jovens aprendizas, em ambiente e expediente de trabalho. Sem experiência alguma jovens se envolvem com colegas de trabalho, geralmente bem mais velhos que elas e com cargos de chefia. Essa prática é condenada pela FPC, que inclusive adverte a todos os jovens sobre as possibilidades de diferentes formas de abusos nas relações de trabalho, aconselhando o imediato comunicado desse tipo de situação ao

responsável competente. Em todos os departamentos em que os jovens aprendizes prestam serviço é nomeado um(a) coordenador(a) para as atividades dos jovens aprendizes.

Mas, a prática de assédio sexual, muitas vezes, ocorre de forma velada e, dificilmente é detectado pelas instituições e coordenadores que participam do processo de qualificação profissional.

Eu daria um conselho às aprendizes lá do prédio, principalmente lá do meu serviço, que ficam dando moral para os patrões e outros que trabalham lá, que são mais velhos e às vezes se relacionam e até engravidam dos caras e os caras não estão nem aí para elas. (...) A maioria dos caras são casados. (...) Isso não é divulgado, não é falado, mas por debaixo do pano, isso acontece direto. (T. fem. 17 anos)

Essa situação de assédio contraria o Estatuto da Criança e do Adolescente (2004), pois é uma agressão moral contra adolescentes vulneráveis que em local de trabalho estão longe de familiares que possam defendê-los. Em muitos casos de assédio, nem o próprio adolescente (moça ou rapaz) tem consciência da gravidade em que está envolvido, e, no entanto, poderá sofrer as consequências psicológicas, morais e físicas para o resto de sua vida.

O tema do assédio tanto moral como sexual deverá ser pauta de debates, legislações e audiências que envolvam a relação trabalho e juventude, pois o assédio é uma realidade na vida de inúmeros jovens que, em muitos casos, sofrem calados para não perderem suas ocupações laborais.

Fecharmos os olhos frente essa situação também é crime de omissão, de toda uma sociedade.

A proposta de uma aprendizagem profissional para jovens que não possuem condições de arcar com despesas relacionadas com qualificação profissional, tecnológica ou ocupacional tem sido a esperança de muitos jovens sem experiência e que se encontram a procura de uma vaga no mundo do trabalho. Por necessidade os jovens são levados a ocupar atividades impróprias para a juventude e, muitas vezes até desumanas. A condição de aprendizagem, no entanto, para muitos jovens pesquisados traz dignidade e possibilidades de melhores chances e mais respeito no mundo do trabalho. A lei do aprendiz foi um avanço, no Brasil, mas as iniciativas de inclusão ao primeiro emprego é quase insignificante em um universo de milhões de jovens brasileiros necessitados de qualificação, cultura e cidadania.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho representa um valor moral, em nossa sociedade. Define, em muitos casos, a própria identidade social de um indivíduo. É, geralmente, sinônimo de responsabilidade e honestidade. O jovem, nesse sentido, é cobrado pela sociedade e família para o ingresso e permanência no trabalho, principalmente quando este pertence a uma família de baixa renda. A necessidade e os valores sociais e morais que permeiam a realidade da maioria dos jovens brasileiros os impulsionam, cada vez mais cedo, para o mundo do trabalho.

A oportunidade de exercer uma atividade remunerada, na condição de aprendiz, tem chamado a atenção de muitos jovens que procuram uma vaga de trabalho ou exercem uma atividade informal. A aprendizagem profissional ou ocupacional, sem dúvida, desenvolve nos jovens a autoconfiança e a autoestima, colabora na produção de novas perspectivas e na preparação para a inserção no mundo do trabalho. A maioria dos jovens aponta uma grande e positiva mudança de vida após a inserção no trabalho aprendizagem.

De acordo com os depoimentos dos jovens, suas vidas passam a ter mais valor e direção, ou seja, suas vidas passam a ter sentido, percebem que a família e a sociedade os enxergam como pessoas responsáveis e úteis, fazendo com que se sintam realizados. No entanto, para muitos jovens o ingresso no trabalho significa um sacrifício, na medida em que o seu tempo

antes destinado aos estudos, lazer e descanso se torna demasiado curto. E a atividade remunerada somadas às demais obrigações, deixa-os cansados constantemente.

Em todo o caso, todos esses jovens pesquisados apontaram uma motivação central para o ingresso no mundo do trabalho: a remuneração. Com ela, atingem, subjetivamente, um grau significativo de autonomia e independência em relação à família e, objetivamente, conquistam o poder de consumo. Citam a experiência e os estudos como um dos principais fatores que podem garantir-lhes um futuro melhor.

Consideram importante o que aprendem no local de trabalho, principalmente no que se refere às relações de trabalho. No processo de aprendizagem são desenvolvidas estratégias que buscam moldar o comportamento desses jovens disciplinando-os para a postura e modos desejados num ambiente de trabalho, caracterizando a internalização do *habitus* definido socialmente.

A família, a escolarização, o lazer e o futuro fazem parte das preocupações dos jovens pesquisados. Procuram, sempre, relacionar esses elementos com o mundo do trabalho. Percebem, sobre a realidade em que vivem, que o trabalho e a escolarização estão diretamente relacionados com seus sonhos e objetivos de vida.

Durante a realização da pesquisa desta dissertação foi possível apreender situações característica do mundo do trabalho em um sistema capitalista. A exploração do trabalho, o sentimento constante de competição e

concorrência, prática de assédio moral e assédio sexual. Na análise sobre juventude e trabalho estes temas são relevantes, pois podem contribuir para esclarecer e desmascarar uma realidade que, em muitos casos, está encoberta por um véu de ilusões e práticas já consagradas como naturais.

O respeito à hierarquia, o receio de uma demissão e as velhas práticas já naturalizadas no mundo do trabalho impedem o(a) trabalhador(a) a reclamar ou denunciar situações que ofendam sua integridade moral e física. As práticas de humilhação ou exploração no mundo do trabalho tornam este ambiente, muitas vezes, inóspito e desagradável para, por exemplo, um(a) jovem que acaba de ingressar em uma vaga no mercado de trabalho. O assédio moral e sexual são exemplos de situações que ocorrem neste ambiente e que recentemente vem sendo pesquisado e tratado como um crime. No entanto, ainda é muito comum presenciar estas práticas, muito prejudiciais, para um(a) jovem trabalhador como para qualquer trabalhador que pode condenar estas práticas ou reproduzi-las.

Todos estes temas abordados que estão diretamente ou indiretamente envolvidos com o mundo do trabalho são extremamente complexos e carregam uma diversidade de realidades imensuráveis e de difícil alcance. Nesse sentido, o tema: trabalho e juventude não se esgota aqui, se perpetuará por muitos outros estudos necessários para sua compreensão e intervenção. É dever da sociedade compreender e transformar o mundo para melhor, combater qualquer tipo de exploração e violência e proporcionar uma vida digna e íntegra para todos os cidadãos.

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

ABRAMO, Helena Wendel. Condição juvenil no Brasil contemporâneo. In: ABRAMO, H. W. BRANCO, P.P.M. (Orgs.). *Retratos da Juventude Brasileira: Análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2005. p. 37-72.

ANTUNES, Ricardo. *Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e centralidade do mundo do trabalho*. São Paulo: Cortez, 2000.

BAVA, Augusto Caccia. PÀMPOLS, Carles Feixa. CANGAS, Yanko Gonzáles. *Jovens na América Latina*. Trad. Augusto Caccia Bava. São Paulo: Escrituras editora, 2004.

BECKER, Daniel. *O que é adolescência*. São Paulo: Brasiliense, 2003.

BENEVIDES, Conversando com os jovens sobre direitos humanos. In: NOVAIS, Regina. VANNUCHI, Paulo. (Org.s). *Juventude e sociedade: Trabalho, Educação, Cultura e Participação*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004. p. 34-52.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Tradução: Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

_____, *O campo econômico: A dimensão simbólica da dominação*. Tradução: Roberto Leal Ferreira. (Org.) Daniel Lins. São Paulo: Papiros, 2000.

BRANCO, Pedro Paulo. *Juventude e trabalho: desafios e perspectivas para as políticas públicas*. In: ABRAMO, H. W. BRANCO, P.P.M. (Org.). *Retratos da Juventude Brasileira: Análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2005. p. 129-148.

BRASIL. Decreto-lei nº. 8.069 de 13 de julho de 1990. Estatuto da Criança e do Adolescente. Ed. Fisco e contribuinte, São Paulo, 1990. Título II - Dos Direitos Fundamentais, p. 20-21.

BRASIL. Decreto-lei nº. 5.598 de 01 d dezembro de 2005. Lei do Aprendiz. Disponível em <www.planalto.gov.br/.../2005/Decreto/D5598.htm>. Acesso em: 30 ago.2009.

CARVALHO, Célia Pezzolo. *Ensino Noturno: realidade e ilusão*. São Paulo: Cortez, 1997.

CASSAB, Maria Aparecida. *Jovens pobres e o futuro: a construção da subjetividade na instabilidade e incerteza*. Niterói: Inter texto, 2001.

CASTEL, Robert. *A sociedade salarial. In: As metamorfoses da questão social: Uma crônica do salário*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

COIMBRA, Cecília. M. B. NASCIMENTO, Maria Livia. *Jovens pobres: O mito da periculosidade*. In: FRAGA, P. C. IULIANELLI, J. A. S. (Orgs.) *Jovens em tempo real*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p.19 - 37.

COSTA, Antônio Carlos Gomes. *Educação para o empreendedorismo: Uma visão brasileira*. p. 242-259.

COSTA, Jurandir Freire. *Perspectivas da juventude na sociedade de mercado*. In: NOVAIS, Regina. VANNUCHI, Paulo. (Org.s). *Juventude e sociedade: Trabalho, Educação, Cultura e Participação*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004. p. 75-88.

DAYRELL, Juarez. *O jovem como sujeito social*. Revista Brasileira de Educação, UFGM, Minas Gerais: nº 24. Set/ Out/ Nov/ Dez, 2003. p. 40-52.

DUBAR, Claude. *A socialização: construções das identidades sociais e profissionais*. Tradução: Andréia Stahel M. da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FRAGA, Paulo Cesar Pontes. *Política, isolamento e solidão: práticas sociais na produção da violência contra jovens*. In: SALES, M. A. MATOS, M. C. LEAL, M. C. (Org.) *Política social, família e juventude: uma questão de direitos*. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2008. p. 81-104.

FRAGA, Paulo César. *Da favela ao sertão: juventude, narcotráfico e institucionalidade*. In: FRAGA, Paulo César. IULIANELLI, Jorge Atílio Silva. (Orgs.) *Jovens em tempo real*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p.117-147.

FRIGOTO, Gaudêncio. *Juventude, trabalho e educação no Brasil: Perplexidades, desafios e perspectivas*. In: NOVAIS, Regina. VANNUCHI,

Paulo. (Org.s). *Juventude e sociedade: Trabalho, Educação, Cultura e Participação*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004. p.180-216.

FUNDAÇÃO PRÓ-CERRADO. Dados referentes aos jovens aprendizes. Disponível em: <www.fpc.org.br/website>. acesso em 12 ago. 2009.

GORZ, André. *Misérias do presente, riqueza do possível*. Tradução: Ana Montoia. São Paulo: Annablume, 2004.

_____. *Metamorfoses do Trabalho – Busca de sentido: Crítica da razão econômica*. Tradução: Ana Montoia. São Paulo: Annablume, 2003.

GROPPO, Luís Antônio. *Juventude: Ensaios sobre Sociologia e História das Juventudes Modernas*. Rio de Janeiro: Difel, 2000.

GUIMARÃES, Nádyá Araújo. Trabalho: uma categoria-chave no imaginário juvenil? In: ABRAMO, H. W. BRANCO, P.P.M. (Org.). *Retratos da Juventude Brasileira: Análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2005. p. 149-174.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. PNAD, *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios*, 2007. Rio de Janeiro: IBGE, 2007. In: Consórcio de Informações Sociais, 2009.

LEAL, Maria Cristina. O Estatuto da Criança e do Adolescente e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação como marcos inovadores de políticas sociais. In: SALES, M. A. MATOS, M. C. LEAL, M. C. (Org.) *Política social, família e juventude: uma questão de direitos*. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2008. p. 147-166.

LIMA, S. M e MINAYO-GOMEZ, C: *Modos de subjetivação na condição de aprendiz: embates atuais*. História, Ciência, Saúde – Manguinhos, Vol. 10 (3): set – dez. 2003. p. 931-953.

LULIANELLI, Jorge Atílio Silva. Juventude: construindo processos – O protagonismo juvenil. In: FRAGA, Paulo César. IULIANELLI, Jorge Atílio Silva. (Orgs.) *Jovens em tempo real*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 54-75.

MANUAL DE APRENDIZAGEM: O que é preciso para saber para contratar um jovem aprendiz – 3ª edição, Brasília: MTE, SIT, SPPE, ASCOM, 2009.

MARIN, Joel Orlando Bevilaqua. *Trabalho infantil: Necessidade, valor e exclusão social*. Goiânia: Editora UFG, 2006.

MARTINS, Mônica Mastrantonio. Tempo, trabalho, Elias e pesquisa em organizações. Cultura – Prática social como objeto de investigação. In: III CONFERÊNCIA DE PESQUISA SÓCIO-CULTURAL. 2000, Julho, Campinas. Disponível em: <www.fae.unicamp.br/br2000/trabs/2390.doc> Acesso em: 10 ago. 2009.

MARX, Karl. Do Capital. In: Marx. Tradução: Edgard Malagodi. Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1996. p.57-162.

MARX, Karl. ENGELS, Friedrich. A ideologia Alemã. São Paulo: Editora Martin Claret, 2004.

MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO. Dados da Caged 2009, Rais 2007, Instrução Normativa MTE/SIT Nº 77. Disponível em: <<http://www.mte.gov.br/>>. Acesso em ago. 2009.

MOSCOVICI, Serge. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Petrópolis: Vozes, 2003.

NICOLAU, Juliana. *Gênero, família e transmissão geracional na contemporaneidade: o caso de jovens trabalhadoras domésticas*. VII RAM - UFRGS, Porto Alegre, Brasil, 2007 - GT 33 - Memória, Família e Relações Geracionais. São Paulo: UNESP, 2007. p. 1-11.

NOVAIS, Regina. Juventude e participação social: Apontamentos sobre a reinvenção da política. In: ABRAMO, H.W. FREITAS, M.V. SPOSITO, M.P. (Org.) *Juventude e debate*. São Paulo: Cortez, 2002. p. 46-70.

OLIVEIRA, Beatriz Rosana Gonçalves; ROBAZZI, Maria Lúcia do Carmo Cruz: *O trabalho na vida dos adolescentes: Alguns fatores determinantes para o trabalho precoce*. Rev. Latino-Am. Enfermagem., Ribeirão Preto, v. 9, n. 3, 2001. p. 83-89.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO. Convenções e recomendações. Disponível em: <<http://www.oitbrasil.org.br>>. Acesso em 29 jul. 2009.

PAIXÃO, Marcelo. O meu guri: desigualdades raciais na inserção infanto-juvenil no mercado de trabalho e avaliações de risco social. In: FRAGA, Paulo César.

IULIANELLI, Jorge Atilio Silva. (Orgs.) *Jovens em tempo real*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 76-116.

POCHMANN, Marcio. Juventude em busca de novos caminhos no Brasil. In: NOVAIS, Regina. VANNUCHI, Paulo. (Org.s). *Juventude e sociedade: Trabalho, Educação, Cultura e Participação*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004. p. 217-241.

SARTI, Cynthia Andersen. O jovem na família: o outro necessário. In: NOVAIS, Regina. VANNUCHI, Paulo. (Org.s). *Juventude e sociedade: Trabalho, Educação, Cultura e Participação*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004. p. 115-129.

SARTI, Cynthia Andersen. *A família como espelho: Um estudo sobre a moral dos pobres*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SOUSA, Sônia M. Gomes. *Infância, adolescência e família*. Goiânia: Cânone Editorial, 2001.

SPOSITO, Marília Pontes. Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre juventude e escola no Brasil. In: ABRAMO, HW. BRANCO, PP.M. (Org.) *Retratos da juventude Brasileira: Análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005. p.87-128.

TELLES, Vera da Silva. *Pobreza e Cidadania*. São Paulo: 34, 2001.